



1290001144



FE

TCC/UNICAMP T235e

CARMEN DE MIRANDA IEKS TEIXEIRA

**EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL:
UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS VOLTADAS PARA
"ESTUDANTES EM SITUAÇÃO DE RISCO" DE UMA INSTITUIÇÃO
PÚBLICA. (PROJETO SOL MORUMBI – PAULÍNIA)**

CAMPINAS - SP

1997

CARMEN DE MIRANDA IEKS TEIXEIRA

**EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL:
UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS VOLTADAS PARA
“ESTUDANTES EM SITUAÇÃO DE RISCO” DE UMA INSTITUIÇÃO
PÚBLICA. (PROJETO SOL MORUMBI – PAULÍNIA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia com habilitação em Magistério do Pré-escolar da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Olga Rodrigues de Moraes von Simson.

Campinas, SP

1997

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	
JCC-UNICAMP	
T.235e	
V.....	EX.....
TOMBO: 1149	
PROC.: 117/2004	
C.....	D..... X
PREÇO: 11,00	
DATA: 28/01/04	
Nº CPD: P16 = 3085	02

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

T235e

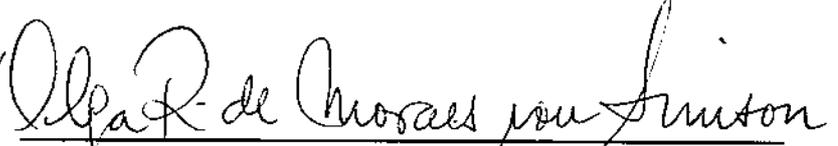
Teixeira, Carmen de Miranda Ieks.

Educação não formal : uma análise das práticas educacionais voltadas para "estudantes em situação de risco" de uma instituição pública - (Projeto Sol Morumbi - Paulínia) / Carmen de Miranda Ieks. -- Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador : Olga Rodrigues de Moraes von Simson.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Infância. 2. Cidadania. 3. Educador. 4. Estudante*. 5. Público*. I. Simson, Olga Rodrigues de Moraes von. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Campinas, 31 de julho de 1997


Olga Rodrigues de Moraes von Simson


Neusa Maria Mendes de Gusmão

Agradecimentos

Agradecemos a todos os profissionais do Projeto Sol que direta ou indiretamente nos acolheram e possibilitaram a realização deste trabalho.

Às crianças do Projeto Sol Morumbi pelo carinho e atenção com que sempre nos recebeu.

À professora Olga R. M. von Simson pela orientação, sempre abrindo nossos olhos para outras realidade.

Ao Rogério, pelo seu amor e por estar sempre perto.

Ao meu Deus e Senhor, em quem tenho a razão de viver e que me inquieta quanto às injustiças.

"Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensinar-lhes dizendo:

Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados são os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus."

Mateus 5:1-10

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. OBJETIVO	09
3. METODOLOGIA	10
4. UM MUNICÍPIO PREOCUPADO COM O ESTUDANTE EM SITUAÇÃO DE RISCO	15
5. PROJETO SOL, UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL	26
6. EDUCAÇÃO GERAL E A FORMAÇÃO DA CIDADANIA	45
7. AS DIVERSAS VISÕES SOBRE O PROJETO SOL MORUMBI	50
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
10. ANEXOS	69

1. INTRODUÇÃO

Falar sobre educação significa falar de algo que não ocorre somente no espaço escolar. Podemos dizer que existem, pelo menos, três categorias de educação: a educação formal, a educação informal e a educação não-formal.

A primeira delas, a educação formal, é a escolar que é caracterizada basicamente pela organização de conteúdos em uma determinada seqüência dando ênfase à instrução através da reprodução cultural e social, pelos métodos centrados no professor-instrutor, pelo fortalecimento do individualismo e da competição. É caracterizada também pela hierarquia formal e pela subordinação a um poder centralizado.

Existe também a educação informal que abrange todas as possibilidades educativas ao longo da vida do indivíduo de modo permanente ou não. E há ainda, a educação não-formal, que embora obedeça a uma estrutura e a uma organização e, mesmo que não seja a sua finalidade, em alguns casos oferece também certificado, é bastante diferente da educação formal.

A diferença entre a educação formal e a educação não-formal, segundo Afonso (1992) é perceptível no que diz respeito a participação voluntária, à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto, à ênfase dada à socialização, à promoção da solidariedade. A educação não-formal possui as características de favorecer a participação dos envolvidos, de utilizar métodos de investigação-ação e projetos de desenvolvimento e possui formas de participação descentralizada.

Conhecer a educação informal e não-formal significa verificar as possibilidades de reprodução ou transformação social.

A educação não-formal apresenta variadas possibilidades, dentre as quais optamos por tratar da educação destinada à crianças de classes populares, que devido às suas condições econômicas e sociais estão em situação de risco. Risco de perderem a infância, e portanto serem impedidas de explorar e ampliar todas as suas potencialidades como ser criativo e inovador. São crianças que correm o risco de serem excluídas da escola

porque não se identificam culturalmente com o tipo de instrução que lhes é oferecido pela escola tradicional. São, portanto, "estudantes em situação de risco."¹

¹ Termo usado por Shuller, 1991.

2. OBJETIVO

Nossa hipótese era tentar verificar se uma experiência de educação não-formal poderia assegurar o direito de crianças pobres em viver sua infância. Além disso, queríamos conhecer formas diferentes de atuação educacional que valorizassem a identidade cultural de sua clientela, como ponto de partida para a ampliação do conhecimento.

Sabemos que a formação do sujeito para o exercício da cidadania deve ser um dos objetivos principais da ação educacional, por isso nos propusemos a verificar o trabalho de pedagogos numa instituição de educação não-formal para ver como se dá essa prática no contexto daquela instituição.

Para isso escolhemos como objeto de estudo o Projeto Sol que é uma instituição pública de educação não-formal e procura garantir o direito à infância, ao mesmo tempo que incentiva a permanência dessas crianças no sistema formal de educação.

3. METODOLOGIA

O grupo de pesquisa:

Fazemos parte de um grupo composto por três alunas empenhadas em conhecer o trabalho realizado pelo Projeto Sol junto às crianças da periferia do município de Paulínia. Utilizamos da metodologia do estudo de caso, em que cada integrante do grupo esteve observando e registrando os aspectos gerais de um dos núcleos do Projeto Sol. Sendo quatro o número de núcleos existentes na cidade, foi-nos indicado pela própria Secretaria da Educação e Cultura de Paulínia quais os núcleos que cada integrante poderia pesquisar.

Esta estratégia teve a finalidade de buscar compreender melhor o funcionamento do Projeto na cidade, e inclusive, permitir a comparação das diferenças de atendimento que eventualmente poderiam existir devido à localização do Núcleo, à clientela ou talvez pelas próprias formas de trabalho ou outros fatores. No nosso caso específico, foi-nos destinado o Projeto Sol Morumbi. Portanto, o presente relatório se restringirá a análise da coleta de dados realizada neste Núcleo.

Para a concretização desta pesquisa foi necessária a devida autorização da Secretaria da Educação e Cultura de Paulínia. O grupo de pesquisa participou de uma reunião na qual estava presente a Orientadora Pedagógica do Projeto Sol, responsável pela orientação em todos os Núcleos. Esta reunião teve como objetivo principal informar à Orientadora Pedagógica quais seriam as formas de coleta dos dados: observação participante, entrevistas, análise documental e registro fotográfico. Recebemos, na ocasião, informações sobre o modo como estão organizados os horários, os nomes das pessoas responsáveis por cada área de trabalho, os temas de trabalho de cada Núcleo nos meses das nossas observações e os eventos que ocorreriam naqueles períodos.

Sessões de Observação:

As observações foram feitas em dois momentos. No segundo semestre de 1996 fizemos visitas para acompanhar o trabalho de uma das duas profissionais da área de Educação Geral. As visitas ocorreram duas vezes por semana, no período da tarde (12:30 às 16:30hs), durante os meses de novembro e dezembro, perfazendo um total de dez observações.

No primeiro semestre de 1997, aconteceram modificações no quadro de educadores do Projeto Sol Morumbi. O concurso que houve em Paulínia no final do ano de 1996 e as remoções de educadoras, principalmente das duas educadoras da área de Educação Geral do período da tarde, impediram que nossas observações continuassem como tínhamos anteriormente planejado. No lugar daquelas educadoras foi contratada apenas uma profissional. Decidimos então realizar as observações com a nova Educadora Geral. Nesta decisão foram consideradas, principalmente, as dificuldades, expostas em conversas informais, com a Orientadora Pedagógica sobre a inexistência de um concurso exclusivo para os profissionais do Projeto Sol. Além disso, não era possível, de nossa parte, continuar acompanhando a educadora no período para o qual foi transferida. Sendo assim, observamos o trabalho da nova Educadora Geral, no período da tarde, no mês de abril, durante duas semanas, num total de oito observações.

Essas sessões de observação eram registradas em diário de campo, na primeira oportunidade, após sairmos do Projeto Sol. Não fazíamos anotações nos momentos em que estávamos observando. Tal postura nos permitia participar e observar ao mesmo tempo. Conversar com as crianças e com os educadores nos vários momentos do dia possibilitou-nos conhecê-los melhor e adquirir amizade, o que muito facilitou na obtenção de informações e de sua compreensão em relação ao trabalho de pesquisa.

Em nossas visitas de observação foi possível realizar uma descrição da estrutura física do local, com utilização também de fotografias para melhor visualização. Foram feitas descrições de atividades, registradas em diário de campo, como: a hora da entrada, da brincadeira, do jantar, do momento livre; descrição de acontecimentos especiais indicadores de situações reveladoras

sobre determinadas concepções postas em prática. Eventos, como o “Internúcleos” e a “Confraternização de Final de Ano” foram registrados imageticamente através de fotografias.

Os aspectos observados nos momentos de trabalho do Educador com sua turma foram os seguintes: organização e ocupação da sala, atividades pedagógicas desenvolvidas, relação entre educador-educando e educando-educando e atividades de avaliação ocorridas durante as observações.

Análise Documental:

Em relação à análise documental tivemos um pequeno contato com o Planejamento Mensal de Atividades, no segundo semestre de 1996. Em abril de 1997 realizamos quatro visitas com o fim específico de estudar os seguintes documentos existentes na instituição, como por exemplo: Programa Sol (1986), Centros Educacionais (1992), Regime Interno dos Núcleos de Projeto Sol, Normas de Funcionamento, Fichas de Matrícula (1997), Planejamento Diário (Integração/1997), Planejamento de Educação Geral (Abril/1997) e Planejamento Trimestral do Diretor (1997).

Tais documentos não puderam ser copiados, nem retirados da Instituição, por uma exigência das normas existentes. Desta forma, os documentos foram lidos e as partes importantes foram transcritas resumidamente para análise posterior.

Entrevistas:

A forma de obtenção dos discursos dos profissionais do Projeto Sol foi a entrevista gravada. Fizemos entrevistas com as profissionais de Educação Geral com as quais tivemos a oportunidade de acompanhar o trabalho, ou seja, uma no segundo semestre de 1996 (E1), e outra, no primeiro semestre de 1997 (E2). Nossos objetivos foram o de conhecer a visão que elas tinham sobre seus papéis na instituição e na sociedade e o de entrar em contato com suas propostas educacionais.

Além das profissionais de Educação Geral, também entrevistamos a Diretora do Núcleo do Morumbi (D) e um funcionário (F), que é o zelador do Núcleo do Morumbi. As diferentes perspectivas dos entrevistados nos proporcionaram uma gama maior para a compreensão da dinâmica do Projeto Sol Morumbi. Todas as entrevistas foram feitas após o período de observações e gravadas em fitas cassete, transcritas posteriormente para análise dos dados coletados.

Não poderíamos deixar de lado, a visão das próprias crianças a respeito do Projeto Sol, principalmente depois de ter estudado um capítulo do livro "Massacre dos Inocentes" (Capítulo 3: Regimar e seus amigos. A criança na luta pela terra e pela vida, por José de Souza Martins), no qual o autor dirige-se às crianças para fazer um resgate histórico da luta pela terra. *"Fazer-lhes perguntas, estimulá-las a se expressarem sobre acontecimentos dramáticos que estavam envolvendo seus pais, parentes, amigos, companheiros e elas próprias."* (Martins, 1991, p. 56)

Foram quatro encontros, com a finalidade de entrevistar as crianças. No horário da brincadeira abríamos para que pequenos grupos (entre três e seis crianças) participassem da nossa proposta. Escolhemos uma história infantil ("O menino que espiava pra dentro", de Ana Maria Machado) para contar, como forma de nos aproximarmos mais das crianças para a realização das entrevistas. Dávamos continuidade perguntando se haviam gostado, do que gostaram mais na história e alguns outros comentários que iam surgindo. Em seguida falávamos sobre a entrevista que queríamos fazer com eles, da gravação em fita cassete.

Foram entrevistas rápidas, de aproximadamente vinte minutos, e bem simples. Cada um, muito a vontade, ia dando sua opinião. Depois, não podíamos deixar de mostrar-lhes os resultados da gravação. Todos queriam ouvir sua própria voz. Foi muito divertido. Foram 22 (vinte e duas) entrevistas, sendo 10 (dez) com meninos, com idades entre 6 e 13 anos; e 12 (doze) com meninas com idade entre 7 e 12 anos.

As entrevistas foram utilizadas considerando que entendemos o discurso como inserido num conjunto de regras anônimas e históricas sempre determinadas no tempo e no espaço. As falas aparecem em sistemas de

dispersão, mas podem ser organizadas por ordem, posições, correlações, transformações. Podem existir regularidade entre os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas.

O que determina o que pode e deve ser dito é a “posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes.” (Ramos, 1996) Uma das características do discurso é a multiplicidade de sentidos possíveis. Todo discurso é permeado pela ideologia, e a ideologia é reconhecida como tal e se concretiza nas práticas do dia a dia. É um processo que ao sujeito parece natural. Já a significação é um processo histórico, ou seja, o sentido do discurso faz parte de um contexto, determinado pela época e pelo local que se encontra o sujeito.

4. UM MUNICÍPIO PREOCUPADO COM O ESTUDANTE EM SITUAÇÃO DE RISCO

Como já dissemos anteriormente, nosso objeto de estudo foi o Projeto Sol, uma instituição mantida pela prefeitura de Paulínia que há dez anos trabalha com crianças em idade de 7 a 14 anos, no horário inverso ao período da escola formal. Sendo assim, é conveniente que antes de passarmos à sua descrição, façamos algumas considerações sobre o município e sua estrutura educacional, que é, na verdade, o contexto onde está inserido o Projeto Sol, e mais especificamente, o estudante em situação de risco.

Histórico da cidade de Paulínia²

Paulínia está localizada a nordeste do Estado de São Paulo, numa distância de 118 km da Capital. Pertence a XI região do Estado de São Paulo e ocupa uma área de 154 km.

Sua história inicia-se a partir de uma velha sesmaria denominada "Funil" dos fins do século XVIII. Entre 1887 e 1900 a região, mais especificamente a Fazenda São Bento, com área de 7.669 hectares à margem direita do Rio Atibaia, recebeu imigrantes italianos que se tornaram pequenos proprietários rurais. Em 1899 é inaugurada a primeira Estrada de Ferro e se chamou "Carril Agrícola Funilense".

Em homenagem a um dos fundadores da linha ferroviária "Funilense", Sr. José Paulino Nogueira, a região que até 1906 era conhecida como "Núcleo São Bento", passa então, a ser denominada "Estação José Paulino".

A Estação José Paulino foi distrito da jurisdição de Campinas, desde 1944. Neste período um decreto federal determinou que as localidades que possuíssem nome de pessoas deveriam ter seus nomes modificados. Assim

² Informações obtidas através do projeto de pesquisa enviado ao Programa Especial FAPESP/Ensino Público, sob o título: "Projeto Sol-Paulínia: análise e construção de propostas de educação alternativa com 'escolares em situação de risco' (1987-1995)", e "Histórico de Paulínia", formulado pela Secretaria de Turismo de Paulínia, 1997.

José Paulino, desde então, passou a ser conhecida como Paulínia. E foi emancipada politicamente a 28 de fevereiro de 1964.

O município de Paulínia desenvolveu-se grandemente nestes últimos 30 anos. Indústrias como Rhodia, Shell, Cargill, Du Pont do Brasil, Pena Branca, Zeneca Brasil Ltda., Asga Microeletrônica S.A. entre outras que se instalaram na região, além da Refinaria do Planalto (REPLAN) desde 1972, transformaram Paulínia, uma pequena cidade agrícola, em um município com um grande polo petroquímico.

Paulínia localiza-se numa região onde é gerada a parte mais importante do produto nacional bruto do Brasil. Dentro de um raio de 200 quilômetros a partir de Paulínia, situam-se cidades como: São Paulo, a capital do Estado, Santos, Campinas, Piracicaba, Americana, Limeira, Rio Claro e São Carlos. Destaca-se nesta área um dos mais importantes terminais aéreos de carga do país, o Aeroporto Internacional de Viracopos.

Atualmente considera-se Paulínia como uma cidade moderna. A região de Paulínia é servida pelas mais modernas rodovias do Brasil, equiparadas ao que existe de melhor no primeiro mundo: acesso com a Via Anhanguera e Rodovia dos Bandeirantes, através da Rodovia José Lozano de Araújo na altura do km 118 da Via Anhanguera, ligação com Campinas e a Rodovia D. Pedro I, através da SP 332, interligando estas às rodovias: Castelo Branco, Regis Bittencourt, Dutra e Imigrantes. O entroncamento ferroviário de Campinas proporciona a Paulínia acesso a todas as regiões do estado e do país. Por essas interligações do sistema de estradas de ferro pode-se chegar à Bolívia e à Argentina.

A instalação de um dos maiores pólos petroquímicos da América Latina tem atraído até os dias de hoje grande número de pessoas. São famílias que vêm de cidades e estados diferentes em busca de melhores empregos e qualidade de vida. Esta população possui costumes e valores diversos, caracterizando a cidade por uma diversidade cultural bem elevada.

Observa-se nas tabelas 1 e 2, que o município teve um considerável crescimento no período de 1970 à 1991, como se poderá observar no quadro abaixo: População total e taxas de crescimento populacional: Brasil, Estado de São Paulo, Região de Campinas e Paulínia.

Tabela 1. **POPULAÇÃO TOTAL**
(mil habitantes)

	1970	1991
	93.165	146.917
	17.771	31.546
	770	2.030
	10	36

Fonte: Histórico da Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Paulínia

Tabela 2. **TAXA ANUAL DE CRESCIMENTO**
(% ao ano)

	1970/1980
	2,48
	3,49
	6,21
	6,84

Fonte: Histórico da Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Paulínia

A taxa de urbanização de Paulínia é de 87,72%, com uma densidade demográfica de 277.266 hab/km². Segundo o censo IBGE (1996) a população atualmente se constitui de 44.440 habitantes distribuídos num total de 39.880 que moram na zona urbana e 4.560 moradores da zona rural. É importante ressaltar que a renda per capita é muito significativa no contexto nacional, o que vem incentivando o aumento do comércio na cidade.

Estrutura Educacional de Paulínia³

O atendimento que a Prefeitura Municipal de Paulínia oferece através da Secretaria de Educação e Cultura/ Departamento de Educação é realizado por quatro seções: SECRE (Seção das Creches), SEI (Seção de Educação

³Informações obtidas através do projeto de pesquisa já enviado ao Programa Especial FAPESP – Ensino Público, já citado.

Infantil), SEPEDU (Seção de Projetos Educacionais) e SENSI (Seção de Ensino de Primeiro e Segundo Graus).

SECRE - O trabalho da Seção de Creches é realizado por babás que recebem crianças com idades entre 3 (três) meses e 3 (três) anos. O objetivo é propiciar guarda, repouso, alimentação, cuidados de higiene pessoal e ainda estimulação e assistência psico-pedagógica às crianças. As babás são orientadas em relação às atividades a serem desenvolvidas diariamente com as crianças por uma equipe de orientadores da seção. O planejamento visa acompanhar o desenvolvimento de habilidades perceptivas, expressivas, linguagem, regras de convivência social, jogos e boas maneiras na alimentação. Este trabalho conta com acompanhamento semanal de médicos da Secretaria de Saúde, e acompanhamento nutricional da Seção de Alimentação e Nutrição. Atualmente Paulínia dispõe de 16 Creches Municipais.

SEI – As crianças com idades entre 3 (três) e 6 (seis) anos podem receber atendimento em período parcial ou integral. A Seção de Educação Infantil, caracterizada pelas EMEI'S, Escolas de Educação Infantil Municipal, totalizam um número de 12 (doze) equipamentos no município, e objetivam oferecer às crianças atividades que contribuam no desenvolvimento de todas as suas capacidades. O trabalho é exercido por professores e monitores assistidos por reuniões pedagógicas de estudo semanal, desenvolvido pela equipe de orientação pedagógica da Seção.

As crianças também recebem atendimento médico, odontológico e psicológico colocados à disposição pela Secretaria de Saúde. Além da Secretaria de Saúde existem projetos vinculados a outras Secretarias do Município.

SEPEDU – A Seção de Projetos Educacionais tem desenvolvido dois projetos: "Projeto Sol" e "Alfabetização de Jovens e Adultos".

1. O "Projeto Sol" é direcionado para crianças na faixa etária dos 7 (sete) aos 14 (quatorze) anos de idade. É um projeto de Educação Não-Formal que funciona no período oposto ao período escolar. Visa sobretudo ampliar as capacidades físicas, afetivas e intelectuais

dessas crianças, valorizando sua cultura e também oferecendo o alargamento do seu universo cultural dando-lhes liberdade de expressão, procurando discutir e resolver situações de insegurança, medo e ansiedade.

O Projeto Sol dispõe de 4 (quatro) núcleos estrategicamente construídos em pontos que atendam às populações da periferia de Paulínia. O quadro de profissionais é composto por professores de nível superior em todos os núcleos cobrindo as áreas de Educação Física, Educação Artística e Educação Geral. Além dos professores contam também com monitores de artesanato, corte e costura e marcenaria. Todos participam de reuniões semanais e/ou mensais junto com a orientação pedagógica da Seção.

2. O projeto de "Alfabetização de Jovens e Adultos" atende uma clientela que, por vários motivos, não teve a oportunidade de serem alfabetizados no tempo próprio. Os professores são orientados pedagogicamente pela professora coordenadora, através de reuniões mensais junto ao grupo no sentido de discutir e buscar soluções.

SENSI - A Seção de Ensino de Primeiro e Segundo Grau compreendia as escolas das Redes Municipal e Estadual. O Projeto Lei n.º 050 de 17 de abril de 1997 aprovou o processo de municipalização que *"compreenderá a assunção pelo Município, no exercício de 1997, da gestão administrativa, pedagógica e curricular do ensino fundamental de 1ª a 4ª séries e de educação especial, implantado pela Secretaria de Estado da Educação, a qual colocará à disposição do Município os servidores atualmente a ela vinculados, mantendo-se, contudo, os vínculos funcionais com o Estado."* (Art. 2º). Sendo assim, a Rede Municipal passa a ser constituída por 17 unidades, além dos seguintes equipamentos:

1. Escola Municipal de Ensino Supletivo de 1º e 2º graus. Possui um equipamento que recebe alunos a partir de 14 anos na 5ª série e 19 anos no 2º grau. O conteúdo fundamenta-se na ensino regular, porém adaptado à realidade do aluno adulto. As aulas são oferecidas em

horário especial para os alunos que trabalham em sistema de revezamento de turno, em período contrário ao trabalho.

2. CEMEP – O Centro Municipal de Ensino Profissionalizante está localizado na Vila Bressani e funciona em três períodos oferecendo cursos técnicos, a nível de 2º grau, em Secretariado, Administração de Empresas, Processamento de Dados, Auxiliar de Enfermagem e Magistério, possui ainda um laboratório de datilografia e três laboratórios de informática. Há parceria com as indústrias no sentido de proporcionar estágios para seus alunos.
3. EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental possui hoje 8 (oito) unidades. Foi criada com a finalidade de atender alunos provenientes da zona rural. A Prefeitura Municipal freta ônibus que transportam as crianças residentes nos bairros mais afastados da cidade para a escola. As escolas oferecem refeições e aulas de recuperação, além disso, são desenvolvidos projetos como estudo do meio, visitas e participação em exposições culturais, científicas e esportivas.
4. ETEP – A Escola Técnica de Paulínia foi criada principalmente por reivindicação dos estudantes que queriam cursar de Química, por Paulínia ser caracterizada por indústrias que requerem esta área do conhecimento. O curso de Química é oferecido em tempo integral, com duração de 3 (três)anos ou no período noturno, compreendendo 4 (quatro) anos.

Cursos gratuitos de aperfeiçoamento de professores, além de treinamento periódico para cozinheiras, serventes, monitores e outros envolvidos no processo educacional são promovidos pela Secretaria de Educação e Cultura. Toda a alimentação distribuída é fornecida pela Secretaria de Educação e Cultura em parceria com a Seção de Alimentação e Nutrição, que possui nutricionista especialistas na elaboração de cardápios, treinamentos de pessoal e acompanhamento da preparação dos alimentos.

O Estudante em Situação de Risco

Na introdução deste trabalho demonstramos nossa preocupação com crianças que estão correndo o risco de perder a infância e de serem excluídas da educação formal.

Utilizamos o termo criança “*sem infância*” (Martins, 1991), pois representa uma concepção mais ampla e questionadora, abrangendo tanto crianças abandonadas quanto enorme número de crianças que têm lar e família, mas não têm infância, já que nelas foi produzido à força o adulto, a vítima, o réu precoce.

Para compreender o termo “estudante em situação de risco” é preciso entender alguns aspectos sociais. Em primeiro lugar o que seria infância? De que concepção de infância estamos falando? Num segundo momento, o que leva as crianças das classes populares a se tornarem “estudantes em situação de risco”?

Verificamos a existência de concepções “adultocêntricas” de infância, isto é, concepções que priorizam o adulto enquanto modelador do processo de desenvolvimento infantil⁴. Sob este prisma a criança é entendida como um ser incompetente, incompleto, que precisa passar por um processo progressivo de complexidade até chegar a maturidade. Somente assim se tornaria completa e competente: um adulto.

A criança é comparada ao adulto. O adulto é aquele que sabe, que conhece, que tem algo a ensinar. A sociedade gira em torno dele, está centrada nele. A criança de outro lado, precisa aprender. Tal concepção origina-se no fato de que a criança depende biologicamente do adulto nos primeiros anos de sua vida. A relação de poder do adulto sobre a criança é estabelecida expressando-se em todas as formas de educação.

Dentre os conceitos de infância, há ainda aquele que compreende a educação da criança como um processo de humanização. Existem críticas a tal perspectiva, já que dá grande ênfase à passagem da criança do seu estado natural para a “condição humana”. A criança, então, é vista apenas sob o aspecto de seu potencial, das promessas para o futuro. Este modo de encarar

⁴ Rosemberg (1976) e Carvalho e Beraldo (1989)

a criança se manifesta em diversos estudos que procuram mostrar as atitudes das crianças e *“seus desdobramentos posteriores, ou com suas supostas ‘conseqüências’ na vida adulta”* (Carvalho e Beraldo, op. cit., p. 57). Desta forma, o processo pelo qual a criança adquire seus conhecimentos é totalmente desconsiderado, o foco está direcionado apenas ao produto final.

As análises e críticas às concepções até então existentes possibilitaram a emergência de um novo paradigma. Novas pesquisas, como a de Ferreira (1988), estão permitindo a mudança do olhar adulto-criança como única forma de interação afetiva da criança, para evidenciar a relação criança-criança. Observou-se que a criança é um ser basicamente não agressivo e disposto ao contato social, que aprende muito através do ato de imitar o companheiro, e esta é uma atitude altamente motivadora e complexa. Além disso, tem-se discutido a questão da agressividade, que tanto incomoda os adultos, mostrando que tal comportamento é tão somente uma regulação da interação social e não um comportamento anti-social. As relações entre as crianças, então, representam a maneira própria da sociabilidade da espécie humana nesta fase do seu desenvolvimento.

Contudo a sociedade atual tem impedido a livre expressão infantil, uma vez que força a criança a entrar no mundo adulto precocemente. A supressão da infância se dá em nome dos interesses e da lógica de uma política de desenvolvimento econômico que mutila no berço aqueles que poderiam um dia construir uma sociedade nova (Martins, op. cit.).

A entrada antecipada no mercado de trabalho, faz com que essas crianças não consigam conciliar escola e trabalho. Nas áreas rurais, as crianças desde tenra idade ajudam suas famílias nas atividades agrícolas. Nas cidades, meninos e meninas das camadas desfavorecidas realizam tarefas das mais diversas como maneira de aumentar o rendimento familiar. Tal fato não é recente, pois já foi registrado por vários pintores e escritores desde a época colonial⁵, dentre os quais podemos citar os artistas plásticos Jean Baptiste

⁵ “Menor e a educação não-escolar e Cultura popular: experiências recentes no Estado de São Paulo”, texto elaborado por Olga Rodrigues de Moraes von Simson, professora da Faculdade de Educação da UNICAMP, Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação, para aula do Concurso de Efetivação na UNICAMP.

Debret e Cândido Portinari, além de Jorge Americano, Jorge Amado e Raul Pompéia na área da literatura.

Ultimamente as denúncias quanto a exploração do trabalho infantil têm sido largamente veiculadas pela imprensa nacional. Poderíamos citar "Pequenos Trabalhadores do Brasil" (Globo Repórter), "Trabalho Infantil" (Especial - Folha de São Paulo, 01/05/97). A esse respeito a CLT, apesar de proibir o trabalho para menores de 14 anos, abre uma exceção para aqueles que estiverem na condição de aprendiz (art. 7º, inciso XXXIII). No entanto o termo "aprendiz" tem sido amplamente interpretado. Além disso, não existem sanções penais para os empregadores que se utilizam dessa força de trabalho.

Há também iniciativas de organizações não-governamentais criadas por empresários e intelectuais preocupados com essa questão, como por exemplo: a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, fundada em abril de 1990, e que desde 1993 tem desenvolvido ações no sentido de sensibilizar e mobilizar a sociedade e os governantes sobre o problema do trabalho infantil. Através do Programa Empresa Amiga da Criança (PEAC), tem buscado o engajamento de empresas no combate ao trabalho infantil e em projetos que tragam benefícios às crianças. Podemos citar apoios institucionais e financeiros como: Banco Itaú, Folha de São Paulo, Fundação W K Kellogg, Yakult S.A., Sadia, Adidas do Brasil, UNICEF, Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (ABRINQ). Atualmente o PEAC vem implantando uma base de conhecimento sobre trabalho infantil em parceria com a OIT/IPEC (Organização Internacional do Trabalho / Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil).⁶

É possível, portanto, perceber uma estreita relação entre educação, trabalho e infância, que remete ao modelo de desenvolvimento que fundamenta nossa sociedade: as diferenças profundas de pertencimento social que levam crianças para fora da escola, uma vez que esta reproduz o sistema sem considerar as características específicas de cada camada ou grupo social. E essa evasão da escola contribui na redução de um período de infância que

⁶ Informações obtidas via Internet: ppbr.com/peac-ipec/apres.html.

para a maioria das crianças já se apresentava bastante descaracterizado, sem os direitos básicos de cidadania assegurados.

Um dos desafios essenciais da vida humana é dar sentido às experiências, pois é através delas que nos compreendemos, entendemos nossa relação com a natureza, com o outro, com o mundo sobrenatural. O homem está ligado a uma cultura, a uma forma de explicação do mundo, de dar nome e imprimir significados a objetos, a situações, a acontecimentos e a pessoas. A imposição de determinada cultura a qualquer classe ou grupo social provoca a perda da orientação e da identidade. E a escola muitas vezes fracassa porque ao querer transmitir cultura acaba produzindo a alienação cultural, por não entender que culturas diferentes têm diferentes formas de aprender.

Excluídos da escola e passando necessidades econômicas por carências familiares, um número crescente de crianças passa a viver nas ruas. Essas crianças estão sempre atuando em grupos, unidos pela vivência comum de uma posição de dominação, exploração e estigmatização realizada pela sociedade. Essas novas redes de sociabilidade podem levá-las ao ingresso no mundo das drogas e junto com as drogas vêm os delitos, e uma possível inserção no mundo do crime organizado (Camargo, 1996).

Na maioria das instituições que lidam com essas crianças prevalece as funções normativas, impossibilitando as transformações. O criativo e o diferente são compreendidos como desvio (Garcia, 1995). O processo de controle político-social inicia-se pela própria estrutura da Instituição: a localização, o uso das salas e a disposição do mobiliário demonstram o caminho da repressão e obediência, onde predomina a lógica do silêncio e da disciplina.

Este circuito que vai desde a saída da moradia precária até a permanência nas ruas, deveria ser alvo das ações do setor público e de suas instituições de educação formal e não-formal. São várias as tentativas destinadas às crianças já nas ruas. Constata-se contrariamente, a ausência de soluções que se fundamentem nas questões estruturais. Seria necessário incorporar aos programas e projetos destinados às crianças a dimensão antropológica e que *“fossem levados em consideração, estruturalmente, os*

processos socioculturais e universos simbólicos significativos nas experiências de vida dos grupos aos quais se destinam.” (Camargo, op. cit., p. 53)

x A criança é capaz de produzir sua própria cultura, mas precisa dispor de um espaço educativo próprio para essa produção. O espaço infantil, segundo Marcellino (1996) deveria ser rico em oportunidades para as crianças conviverem, amarem, jogarem, construírem conhecimentos, papéis e a si mesmas como sujeitos. A educação precisaria ser integrada visando acima de tudo, seu bem estar, seu imaginário, seu lado artístico, lúdico... É importante, então proporcionar-lhes momentos em que possam expressar-se livremente, evitando assim que sejam muito cedo transformadas em pessoas tipificadas, modelos estereotipados. Lutar contra a formação estereotipada da criança não significa dar uma proteção artificial à criança, mas ao contrário, dar-lhe instrumentos para que saiba o que é a sociedade em que vive, sem que se retire dela a possibilidade de desenvolver autonomamente suas próprias capacidades de expressão (Guattari, 1987).

Um trabalho pedagógico eficaz voltado aos diversos grupos sociais deve colocar lado a lado as culturas popular, erudita e científica. As crianças precisam enxergar a gama de possibilidades existentes, para no futuro poderem optar por sua profissão de acordo com suas aptidões e não conforme as condições de sua família.

Com efeito, estas instituições precisam oferecer um atendimento que respeite os direitos fundamentais das crianças, ou seja, o direito de ser criança. O trabalho não pode deixar de lado sua realidade, seus valores, sua cultura, suas condições de vida. É necessário o respeito às crenças e aos costumes religiosos, às suas criações culturais e suas formas de expressão.

5. PROJETO SOL, UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Diante da realidade brasileira a respeito da infância e de suas necessidades, e a problemática do estudante em situação de risco, que expusemos no capítulo anterior, passaremos a relatar a experiência do Projeto Sol, verificando como esta instituição pública tem atuado no sentido respeitar os direitos fundamentais da criança, dentro de uma proposta de educação não-formal.

História do Projeto Sol:

Para entender melhor o que é o Projeto Sol, neste primeiro momento, faremos uma exposição em cima dos documentos que tivemos acesso na Instituição.

Em 1986, sob a administração do então prefeito, Sr. Benedito Dias de Carvalho, foi elaborado um projeto chamado "Programa Sol". O grupo que elaborou o programa era composto por equipe de psicólogo, pedagogo e arquiteto e estava vinculado a Secretaria de Promoção Social.

A justificativa do Programa pautava-se na observação de um aumento considerável da população na cidade de Paulínia, principalmente após a instalação do polo petroquímico e a chegada de novas indústrias.

A nova população constituía-se de famílias oriundas de várias cidades e estados e apresentavam costumes e valores diferentes. Eram famílias buscando melhores oportunidades de trabalho e sobrevivência. No entanto, a grande maioria não possuía a mão-de-obra qualificada que as novas indústrias instaladas na região estavam exigindo. Sendo a mão-de-obra desqualificada, as ofertas de emprego existentes, principalmente para os homens, chefes de família, ofereciam remuneração insuficiente para o sustento de toda a família. Tal ocorrência levou um grande número de mulheres-mães a sair em busca de trabalho fora de casa para complementar o orçamento familiar. O aumento da população acrescido da saída da mãe, que antes permanecia no lar, em busca de trabalho fora de casa, trouxe prejuízos para os filhos.

Em Paulínia observou-se a existência de *“problemas tais como: desestruturação familiar, prostituição de menores, uso de tóxicos, rejeição e fuga de crianças do próprio lar e desestímulo da participação do processo de educação formal.”*⁷

Nestas circunstância, em 1986 a Administração Municipal de Paulínia elaborou um programa que atingisse os moradores residentes na periferia da cidade e que representasse *“sua inserção no processo de participação nos níveis de decisão e execução, favorecendo a consciência crítica tendo em vista a prática transformadora.”* Para as crianças ele deveria representar *“seu engajamento progressivo na vida comunitária, concomitante à uma ação educativa que atenda suas necessidades básicas”*. De forma geral, o programa estaria criando um *“espaço social capaz de favorecer o exercício da vivência coletiva, envolvendo a comunidade no encaminhamento de soluções para seus próprios problemas e necessidades.”*⁸

“SOL” foi o nome escolhido para o programa porque o slogan da administração era “Solidariedade, Trabalho e Justiça”. “SOL” são as iniciais da palavra SOLidariiedade *“aplicada no sentido moral que vincula o indivíduo à vida, aos interesses e às responsabilidades dum grupo social, duma nação ou da própria humanidade; relação de responsabilidade entre pessoas unidas por interesses comuns de maneira que cada elemento do grupo se sinta na obrigação moral de apoiar o outro. Também a palavra “SOL” simboliza calor humano, afeto e atração para integração, possibilitando novas visões das opções de vida, da beleza e da harmonia, assim como a redescoberta dos valores universais do ser.”* (Programa Sol, 1986, p.3)

Na época de sua criação, o Programa Sol visava atender crianças desde o primeiro na de vida e incorporava quatro projetos: RAI0 DE SOL I, que receberiam crianças com idades entre 1 (um) a 6 (seis) anos de idade, RAI0 DE SOL II, atual Projeto Sol, receberia crianças de 7 (sete) a 13 (treze) anos de idade, hoje recebe adolescentes até 14 (quatorze) anos, RAI0 DE SOL III, seria um Curso Profissionalizante para jovens de 14 (quatorze) a 17

⁷ Projeto de pesquisa enviado ao Programa Especial FAPESP – Ensino Público já citado, (p. 10).

⁸ Trechos extraídos do projeto original: “PROGRAMA SOL”. (p. 3)

(dezessete) anos e RAIÓ DE SOL IV, para adultos que teriam atividades neste Projeto e nos outros Projetos. Pretendia-se integrar os órgãos do setor público: Assessoria da Promoção Social da Prefeitura de Paulínia, Centro de Ação Comunitária de Paulínia, Divisão de Saúde e Meio Ambiente, Divisão de Educação Cultura e Lazer, Divisão de Obras e Serviços Públicos, Secretaria da Promoção Social do Estado, Secretaria de Educação do Estado e a participação da Comunidade Paulinense.

Somente o projeto RAIÓ DE SOL II (atual Projeto Sol) foi implantado conforme as diretrizes municipais, as demais instâncias permaneceram sob a administração da Secretaria de Educação.

Objetivos Gerais do Projeto RAIÓ DE SOL II:

- Possibilitar o desenvolvimento pessoal, auxiliando no aprimoramento das potencialidades da criança, dando-lhe condições de exercício pleno da cidadania, que envolve a aquisição da cultura, do saber, a formação intelectual, a participação na sociedade e a iniciação ao trabalho.
- Envolver pais e moradores do bairro nas discussões de seus problemas, no sentido de buscar soluções.

Objetivos Específicos:

- Criar um ambiente onde a criança sinta-se amada.
- Possibilitar um momento em que a criança possa estar livre para fazer atividades próprias da sua idade (correr, pular, brincar)
- Favorecer o desenvolvimento de valores como: cooperação, solidariedade, respeito, responsabilidade, religiosidade (cultivar a crença na possibilidade de vida), organização, capricho, limpeza no trabalho.
- Desenvolver interesse na produtividade e qualidade do trabalho.
- Possibilitar o desenvolvimento das capacidades de cada um.
- Estimular a expressão de seus sentimentos adequadamente: dúvidas, medos, inseguranças, dificuldades e raivas.

- Estimular a participação da criança e da família na programação e nos benefícios que os recursos da comunidades dispõem.
- Propiciar meios para melhoria das condições nutricionais e de saúde da criança.

Metas:

Oferecer à criança um ambiente propício para a construção de novos ideais comunitários, sendo elas próprias agentes de aprendizagem, em núcleos periféricos próximos a sua área de vivência.

Cada núcleo deveria atender diariamente até 120 (cento e vinte) crianças por período de quatro horas, separadas em grupos de 20 (vinte) crianças. Seriam oferecidas duas refeições por período: café da manhã e almoço para o primeiro período e almoço e lanche da tarde para o segundo período.

As atividades teriam fins sócio-educativo e de apoio escolar. Haveria também atividades de iniciação ao trabalho. Aos menores, as atividades em grupo visariam a manifestação de valores da vida cotidiana.

A comunidade seria envolvida nos trabalhos dos núcleos através de atividades recreativas ou de oportunidades de reflexão conjunta para o auto-conhecimento e o bom relacionamento entre todos. Além disso, o espaço estaria aberto para discussões, avaliações e sugestões em relação ao trabalho desenvolvido para que as necessidades do bairro fossem atendidas.

A médio e longo prazos a perspectiva era de ampliar o número de núcleos, que até então eram dois, e atender o bairro a partir da solicitação da comunidade.

Para a criança poder participar deveria ser feita uma inscrição pelos responsáveis. No ato da inscrição uma ficha seria preenchida com dados sobre a criança e sobre a família.

Essas crianças seriam recebidas por monitores nas áreas de: Educação Física e Esportes que trabalharia visando a recreação, a iniciação esportiva no intuito de favorecer o desenvolvimento físico global da criança, Educação Artística que atuaria nas atividades de pintura, teatro, trabalhos de artesanato,

etc, e Educação Geral, responsável por acompanhar as tarefas escolares, além de proporcionar discussões, reflexões, críticas e sugestões sobre assuntos da atualidade que interessem à criança e à vida de sua comunidade. As atividades de cada área deveriam ser planejadas em cima da análise de sugestões dadas pelas próprias crianças.

Os primeiros profissionais do projeto foram contratados em outubro de 1987. Eram três por equipe, nas áreas de Educação Física, Educação Artística e Educação Geral, além do coordenador que hoje é o diretor. Era um pessoal que se reunia sistematicamente com o diretor do departamento de educação. Dessas reuniões todos participavam, inclusive serventes, zelador e cozinheiras. Além disso, visitavam a comunidade, conversavam com os pais no sentido que manifestassem suas expectativas em relação ao projeto.

Os prédios dos bairros Monte Alegre e Morumbi já estavam prontos, mas ainda não tinham sido inaugurados. O projeto RAIÓ DE SOL II estava funcionando nestes dois bairros e no bairro João Aranha, em salas da prefeitura ocupadas pelo antigo AICA (Atendimento Integral da Criança e do Adolescente), um programa de assistência. O prédio do Morumbi ficou pronto e fechado por um ano, por questões políticas. Para ser inaugurado foi preciso fazer uma reforma, tal o estado que se encontrava o prédio.

Em 1989 a nova Administração Municipal fez algumas modificações administrativas. O Projeto RAIÓ DE SOL II passou a ser denominado "Centro Educacional" e passou a ser vinculado à Secretaria de Educação e não mais à Secretaria da Promoção Social. Tal mudança permitiu um enfoque mais acentuado na área sócio-educativa, embora os objetivos e as metas não tivessem sofrido alterações.

Sendo agora um "Centro Educacional"⁹ alguns aspectos foram ressaltados nos objetivos, como por exemplo: valorização da bagagem cultural e intelectual da criança e da sua história de vida com vistas a ampliação de seu universo cultural, respeito à criança enquanto criança, respeito e desenvolvimento da linguagem corporal. Outro aspecto interessante, mas que

⁹ Centros Educacionais, dezembro de 1992. Responsáveis pelo relato: Carmen Maria dos Santos, Maria Cláudia Marque, Elaine Paula Motta e Lucimara Rodrigues Prado de Camargo.

na prática não deu prosseguimento, foi a preocupação em estabelecer uma ponte entre os Centros Educacionais e a Escola Formal através de intercâmbios entre os profissionais das duas entidades. Pedagogicamente, o Centro Educacional começou a trabalhar com oficinas, das quais podemos citar: música, dança, reciclagem de papel, teatro, instrumentos, jornal do Sol, capoeira, cerâmica, culinária, tear, circo, bonecas/fantoches/flores, etc.

Em 1993, a nova Administração Municipal realizou algumas medidas. A atual denominação "Projeto Sol" foi oficializada através de uma Lei Municipal. Em janeiro deste mesmo ano foi inaugurado o Projeto Sol no bairro Morro Alto, totalizando quatro núcleos, e ainda foi implantado o trabalho de Orientação Pedagógica para que houvesse uma linguagem comum que possibilitasse unidade entre os núcleos.

A metodologia foi se adequando às necessidades de cada núcleo. Hoje o Projeto Sol tem usado temas geradores que são desenvolvidos em oficinas e/ou projetos. O educador parte destes temas e entra na sua área específica.

O Projeto Sol Morumbi:

A) O Bairro:

O Projeto Sol Morumbi localiza-se à Rua Ositha Sigrist Pongelup n.º 830, no bairro Morumbi, Paulínia/SP. Morumbi é um bairro próximo à saída para Campinas (ver mapa, anexo 2).

O bairro é simples e, segundo a diretora do Projeto Sol, as pessoas que moram ali compraram um terreno e construíram uma casa. Os outros bairros de Paulínia como Monte Alegre (1, 2, 3... e estão para inaugurar o 7), são de casas populares. Já no Morro Alto as casas foram construídas em esquema de mutirão através da auto-construção.

Mas nos bairros Morumbi e Santa Terezinha que são próximos e de onde vêm a maior parte das crianças que freqüentam o Projeto Sol Morumbi, nota-se também a existência de chácaras. Algumas possuem até três casas onde residem os chamados "chacareiros", que fazem a manutenção dessas chácaras. São considerados bairros transitórios porque é comum que as

peças que se mudam para Paulínia se instalem nesta região, já que há oferta de emprego e moradia simultaneamente. Mas essa inserção só se mantém até arrumarem emprego melhor, alugar ou comprar uma casa em outro lugar, então essas famílias se mudam levando seus filhos.

Com certeza esta característica do bairro interfere no modo de trabalhar com as crianças. Por conta disto criaram um critério entre os vários Núcleos do Projeto Sol, garantindo as transferências de crianças independentemente de haver ou não vagas.

B) Estrutura Física:

No Programa SOL, estava especificado que cada núcleo teria um espaço físico de cinco mil metros quadrados, tendo uma parte reservada para o plantio de horta e pomar. A área construída teria aproximadamente oitocentos metros quadrados. Na verdade, não tivemos acesso a documentos que tivessem a planta do Projeto Sol Morumbi para obter suas medidas exatas, mas cremos que essas medidas não fogem muito do que havia sido pensado no Programa original, pois este núcleo foi um dos primeiros a ser inaugurado (1989).

A área construída tem o formato de um sol. O centro é uma arena, um galpão circular aberto de múltiplo uso. As portas de todos os ambientes estão voltadas para este espaço, como se fossem raios de sol.

As dependências são as seguintes:

- Num mesmo pavilhão estão a sala da orientadora pedagógica do Projeto Sol, a sala da diretora, sala dos educadores, almoxarifado, w.c. masculino e feminino para pessoal do administrativo.
- Sanitários masculino e feminino usados pelas crianças do Projeto, que possuem também chuveiros, lavatórios e espelho. Tudo muito limpo e em boas condições de uso.
- "Sala Azul", utilizada principalmente pela monitora de artesanato. Dentre outras coisas, possui máquina de costura e materiais diversos.
- "Sala Verde", tem um espelho enorme numa das paredes e um armário. É utilizada pelas turmas com atividades em Educação Física.

- “Sala Vermelha” possui quadro de giz, armários com porta e mesas quadradas para trabalhos em grupo. Usada para atividades de Educação Geral.
- “Sala Laranja”, tem as mesmas características da sala vermelha, também usada para atividades de Educação Geral. Nesta estavam montando a biblioteca infantil.
- “Sala Amarela”, além das mesas, quadro de giz, armários com porta, tem também uma estante onde são colocados os trabalhos da área de Educação Artística.

Embora essas salas sejam comumente usadas pelas áreas descritas acima, nada impede que sejam usadas para outras atividades, pelos outros educadores. Presenciei várias destas situações. Não há rigidez quanto a isso, utiliza-se cada espaço conforme a disponibilidade e a necessidade.

Todas as salas são amplas e possuem, além da porta que dá para a arena, outra porta no fundo, que dá para a área verde do Projeto, além de janelas que propiciam um ambiente bem arejado e iluminado.

- Cozinha com balcão aberto para o refeitório. A cozinha é espaçosa, possui fogões industriais, exaustor, pias, geladeira, freezer, armários, dentre outras coisas. As paredes são de azulejo branco até o teto e, em duas delas há janelas na sua extensão. (Anexo 1 - fotografias)
- Despensas, uma para gêneros alimentícios e outra para materiais de limpeza.
- Lavanderia.
- Refeitório, com mesas para quatro cadeiras. O refeitório é a aberto para o centro, onde fica a arena. (Anexo 1 -fotografias)

A entrada do Projeto Sol também é um espaço usado para brincadeiras, como aliás, quase todos os espaços que são aproveitados para os folguedos ou para as atividades das áreas específicas.

A área verde é muito bem cuidada. Possui horta e pomar, campo gramado usado para jogos como futebol, handball e outras atividades. Há entrada para carros deste lado e uma casa, onde o zelador do espaço mora. (Anexo 1 - fotografias)

O Projeto Sol Morumbi possui vários recursos, como por exemplo: TV e vídeo que são colocados nas salas quando são necessários, rádio-gravador, fitas cassete, jogos, biblioteca e outros materiais como: corda, bolas, bambolês, “perna-de-pau”, etc, além de papéis diversos, cola, tesoura, lápis de cor, giz de cera, tintas, etc.

B) Clientela:

Como já foi mencionado a população das redondezas do Projeto Sol Morumbi é transitória, sendo assim as crianças que freqüentam o núcleo são muitas vezes transferidas porque mudam para outros bairros.

As famílias que chegam na cidade e se instalam nos bairros próximos vêm de localidades diversas. Das 92 (noventa e duas) crianças matriculadas no Projeto Sol Morumbi no início de 1997, no período da tarde são 36 meninas e 56 meninos. De suas Fichas de Matrícula tiramos os seguintes dados: apenas 25% são nascidas em Paulínia, 27% nasceram em Campinas, 23% nasceram nas mais variadas cidades do Estado de São Paulo: Cubatão, Capivari, João Ramalho, Tupã, Santo André, Garça, Cafelândia, Laranjal Paulista, etc., 13% nasceram na região Nordeste do país: Manaíma/PA, Bom Jesus da Lapa/BA, Pojuca/BA, Campo Grande/AL, Prazeres/PE, etc., 8% nasceram na região Sul: Passo Fundo/RS, Porto Alegre/RS, Curitiba/PR, Nova Esperança/PR, etc., 3% de Minas Gerais: Belo Horizonte e Varginha, e 1% da região Norte: Ouro Preto do Oeste/RO.

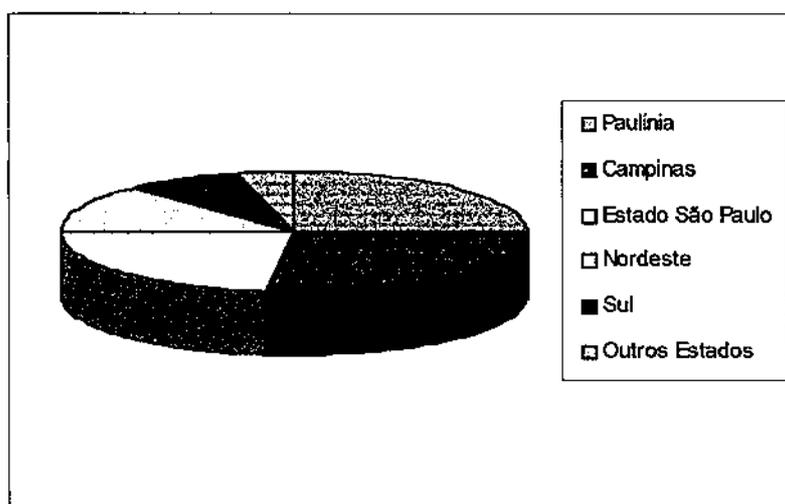


Gráfico 1. Locais de Nascimento

Das crianças matriculadas em 1997, no período da tarde, 62% moram com seus próprios pais. O índice de mulheres que trabalham para sustentar o lar é de 75%. Destas, 50% são auxiliadas pelos maridos. Há casos de mulheres trabalhando fora e maridos desempregados.

Os tipos de trabalho exercidos por estes pais são, por exemplo: ajudante geral, pedreiro, chacareiro, vigia, comerciante, montador e carpinteiro. Cerca de 30% das mães trabalham em casa de família, mas há outros tipos de ocupação, como: cabeleireira, escriturária, cozinheira, enfermeira, bibliotecária e professora.

Na relação idade e série escolar, observamos que 24% das crianças não se encontram na série adequada à sua faixa etária. Há casos extremos como estudantes com 13 anos na 2ª série e 14 anos na 3ª série.

C) Distribuição de horários e atividades:

O Projeto Sol Morumbi funciona de Segunda à Sexta-feira em dois períodos: manhã e tarde. À noite, o local ainda é utilizado por alunos do Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos da Prefeitura de Paulínia. O horário do período da manhã é das 7:30 às 11:30 horas e à tarde, as atividades começam às 12:30 e vão até às 16:30 horas.

Estivemos observando as atividades realizadas no período da tarde e o horário se divide da seguinte forma:

- 12:30 – Entrada/ Café da Tarde
- 13:00 – Horário da Brincadeira
- 13:50 – Organização do Material/ Higiene
- 14:00 – Sala: atividades específicas
- 15:50 – Organização do Material/ Higiene
- 16:00 – Jantar/ Escovação
- 16:30 – Saída

Entrada/Café da Tarde: as crianças vão chegando de ônibus, que na cidade é um transporte gratuito, outras vêm de bicicletas, e ainda outras vêm à pé, e esperam do lado de fora. Geralmente algumas crianças ficam cuidando

do portão até que uma das educadoras avisa que já está na hora de entrar, permanecendo ali para recepcioná-las.

Todos vão colocando seus materiais pendurados nas cadeiras, lavam as mãos e sentam-se aguardando o momento de se servirem do café. Existem regras no refeitório. Uma delas é que todos devem estar acompanhados, ninguém deve sentar-se sozinho. Outra regra é que devem permanecer em silêncio até se servirem e durante a alimentação podem conversar num tom moderado de voz. Também no refeitório não é local para ficarem correndo.

Se as regras são quebradas as educadoras comunicam às crianças. Se mesmo assim não ocorrer o cumprimento da regra, a postura que tomam é de aguardar para servir o café. Embora algumas vezes essa espera tenha se prolongado, observamos que nunca deixaram crianças sem se alimentar, mesmo que algumas delas tivessem se recusado a cumprir o acordo. A atitude tomada foi deixá-las sem a hora da brincadeira. Sempre essas decisões foram acompanhadas de conversas direcionadas não apenas para aqueles que transgrediram, mas a todos, relembrando as regras. Interessante é que só presenciamos essas situações no primeiro semestre do ano.

O que será servido no café é sempre avisado antes. Geralmente é leite com chocolate e pão de semolina com recheios que variam (manteiga, doce de leite, geleia). As crianças são chamadas aos poucos, mesa por mesa (as que estiverem em silêncio), e cada uma se serve. Depois de todos servidos, são chamadas novamente para repetição. Cada criança já sabe que deve pegar somente o que vai comer e beber, nada deve ser jogado fora. Depois que comem umas das crianças da mesa já pega um pano e deixa-a limpa. Aí aguardam no refeitório até que todos terminem.

Hora da Brincadeira: é um momento de recreação dirigida. Cada educador programa uma atividade para cada dia da semana, que normalmente permanece sem alterações por um mês. São brincadeiras de grupo e algumas são resgates culturais, como "rouba bandeiras", "perna de pau", "latinha", "queimada". Há outras brincadeiras como: pular cordas, amarelinha, futebol, pingue-pongue, dança, etc. Jogos de mesa como: xadrez, dominó, jogo da

memória, banco imobiliário, damas, etc., e biblioteca são alternativas para aqueles que não querem se movimentar muito.

As crianças podem escolher livremente de qual brincadeira irão participar e podem mudar. Às vezes eles inventam brincadeiras em duplas, ou levam algum objeto, como um dia levaram uma bolinha de borracha, ou vêem algo interessante, como uma cigarra. Frequentemente os educadores direcionam um ou outra brincadeira para determinadas faixas etárias, por exemplo: futebol para os maiores e latinha para os menores.

Os educadores brincam junto e acabam se divertindo muito. Também desempenham papel de reguladores de alguma situação de conflito que eventualmente surjam entre as crianças e que não estejam conseguindo resolver sozinhas.

Organização do material/ Higiene: se foi usado algum material, estes devem ser guardado. E é claro que depois de tanto brincar, as crianças já estão suadas e com sede. É hora da higiene. Elas se lavam, tomam água, vão ao banheiro, se preparam para o próximo momento, onde estarão com os educadores das áreas específicas.

Sala: atividades específicas: este momento é destinado para o trabalho nas áreas específicas. No Morumbi, além ter profissionais das três áreas: Educação Geral, Educação Física e Educação Artística, tem uma Monitora de Artesanato, que trabalha às segundas e terças-feiras nos dois períodos.

Às segundas e terças-feiras acontecem as oficinas. Cada educador planeja as atividades que serão desenvolvidas com as crianças durante um mês, conforme sua área específica. As crianças escolhem qual oficina irão fazer no mês.

Às quartas, quintas e sextas-feiras acontecem as chamadas "turmas fixas". As crianças são organizadas em turmas, conforme escolha própria. A média de crianças, no período da tarde em 1996 era de 15 crianças por turma. Em 1997 com a saída de uma Educadora Geral e com as novas crianças, a média aumentou para 25 crianças por turma.

Ultimamente o Projeto Sol vem trabalhando com temas geradores. Por exemplo: em novembro e dezembro de 1996, os temas foram, respectivamente: "A criança e a Natureza" e "Resgate Cultural da Festa de Natal".

Esses temas são mensais e são escolhidos no final do ano para todos os meses do ano seguinte, pelos educadores. As crianças são consultadas para sugestões idéias de temas, as sugestões são analisadas posteriormente pelos educadores. Cada período tem seus próprios temas.

Para 1997, os temas escolhidos foram os seguintes:

MÊS	TEMA GERADOR
Fevereiro	Integração
Março	Conhecendo a Criança
Abril	Educação e Saúde
Maio	Cinema
Junho, Julho e Agosto	Cultura Popular Mundial
Setembro	Botânica
Outubro	Meios de Comunicação e Transporte
Novembro e Dezembro	O Espírito do Natal

Fonte: Planejamento 1997

Os temas dos três primeiros meses tinham pontos comuns para todas as áreas, que valem ser destacados:

Integração: conhecer e reconhecer o corpo no espaço; regras do Projeto.

Conhecendo a Criança: socialização, situar a criança no tempo, espaço natural e cultural em que vive e valorizar sua identidade.

Educação e Saúde: higiene geral, vestuário, alimentos, vacinação e educação preventiva.

Todo ano acontece o "Internúcleos". Este evento ocorre, geralmente, no segundo semestre do ano e tem o objetivo de reunir todos os participantes dos vários Núcleos do Projeto Sol num único local. Em 1996, o Núcleo anfitrião foi o Projeto Sol Morumbi. São apresentados os trabalhos (peças de teatro,

dança, canto, trabalhos manuais) realizados durante o ano que as crianças mais gostaram. São elas mesmas que decidem as apresentações para o evento. (Anexo 1 - fotografias)

No final de 1996 (2 a 6 de dezembro), aconteceu a Exposição de desenhos das crianças do Sol na Câmara Municipal de Paulínia. Todos os Núcleos expuseram trabalhos produzidos pelas crianças. Tivemos a oportunidade de visitar e achamos que estava realmente muito bonito e interessante.

A cada três meses, as crianças com auxílio dos educadores elaboram um jornal, JORNAL DO SOL. Todas as crianças que quiserem participar da sua elaboração escrevem sobre os eventos que aconteceram no trimestre, dando sua opinião, escrevem uma história ou um texto. Alguns textos são escolhidos para serem impressos. (Anexo 3 – JORNAL DO SOL)

Organização do Material/ Higiene: encerradas as atividades específicas a sala é organizada e limpa pelas próprias crianças. Em seguida dirigem-se ao banheiro para a higiene.

Jantar/ Escovação:

As salas saem em etapas, cada dia é uma que sai primeiro. Conforme vão fazendo a higiene já vão se dirigindo às mesas e, em seguida, são chamadas a se servir.

Os pratos e os talheres não são de plástico, apenas os copos. Cada criança serve a quantidade que vai comer. No cardápio há sempre arroz, feijão, uma carne, legumes e verduras, sobremesa e suco. As cozinheiras procuram variar as formas de servir esses alimentos, que são muito bem preparados e com ótimo sabor. Percebemos também que se procura fazer o que as crianças gostam de comer, um bom exemplo disto é a batatinha frita.

A questão do desperdício é sempre lembrada, de forma que as crianças realmente pegam aquilo que vão comer, nada é jogado no lixo. Acabando de comer, os talheres, pratos e copos são colocados pelas crianças em recipientes para serem lavados na cozinha. A limpeza da mesa, assim como

no café, é feita por uma das crianças. Em seguida, cada um pega sua escova de dentes, que é guardada em lugar próprio, e fazem a "escovação".

Saída: quase sempre sobra alguns minutos após o jantar. As crianças pegam seus materiais e nesses minutos conversam ou brincam com coisas que trouxeram ou que fizeram ali. Uma pessoa fica no portão até chegar a hora de todos saírem.

Poucos pais vêm buscar os filhos, a maior parte vai embora de ônibus e outros vão à pé ou de bicicleta, como vieram.

D) Os profissionais:

O Projeto Sol Morumbi possui o seguinte quadro de funcionários no período da tarde:

- 2 cozinheiras
- 2 serventes
- zelador
- 2 educadoras da área de Educação Geral (até 1996, em 1997, passou a ter apenas uma)
- educadora da área de Educação Artística
- educadora da área de Educação Física (em 1996 era uma professora contratada substituindo a educadora em licença. Em 1997 a educadora do período da manhã estava trabalhando à tarde até ser resolvido se a educadora em licença iria escolher permanecer no Projeto Sol ou não. A resposta foi não.)
- monitora de artesanato
- diretora

Para ocupação na área de educação geral, é necessário fazer o concurso para P1 da Prefeitura Municipal de Paulínia. Este concurso não é específico para trabalhar no Projeto Sol, mas está direcionado a todas as vagas que houver na rede municipal de ensino. O candidato, após passar por um exame escrito e uma entrevista, recebe uma classificação lhe permitindo escolher, dentre as opções que se apresentarem.

Discussão sobre o Projeto Sol

Como foi visto, a justificativa para elaboração do "Programa Sol" foi o aumento da população, o que acontece ainda hoje, comprovado pelo levantamento dos locais de nascimento das crianças do Projeto Sol Morumbi. O documento evidencia que muitas pessoas sem qualificação foram atraídas para trabalhar nas grandes empresas que estavam se instalando em Paulínia. Um número elevado de mães precisou buscar trabalho fora de casa a fim de auxiliar no sustento da família. Esta é uma realidade observada nos centros urbanos, e que inclusive, irão aparecer nas falas dos atores envolvidos neste estudo, posteriormente.

Ainda sobre isto podemos dizer que a administração de Paulínia tem uma política expansionista. Oferecendo boa estrutura educacional, assistência e saúde, tem atraído as populações de distritos e cidades próximas. Exemplo disto é que há pouco tempo Betel que, pertencia ao Distrito de Barão Geraldo, em Campinas, passou a pertencer ao Município Paulínia.

Mas, para compreender estes fatos com maior profundidade, precisamos entender a perspectiva do desenvolvimento e expansão que regem nossa sociedade: a de acumulação capitalista.

A incorporação de parte da mais-valia à produtividade acaba acelerando o processo de pauperização da classe trabalhadora. Simultaneamente, os equipamentos de produção estão sendo cada vez mais aperfeiçoados tendendo a diminuir o contingente de força de trabalho necessário à sua reprodução. Libera-se, assim, parte da mão de obra produzindo um exército industrial de reserva.

A característica deste tipo de desenvolvimento é a "*superexcludência*" (Ferreira, 1979), isto é, a impotência do sistema em integrar a força de trabalho nas relações de produção modernas dos setores dinâmicos da economia industrial. No Brasil verificamos também um grave problema relacionado à distribuição desigual de renda. São muito atuantes os mecanismos de exclusão e de estigmatização que as classes favorecidas impõe às camadas populares e marginalizadas, não somente para opô-las às demais, mas para diferenciar as formas que usam para solucionar os problemas que enfrentam.

Esta estratégia visa a manutenção da ordem e do direito legítimos das classes privilegiadas, de outro lado, tais mecanismos tornam-se tão eficazes que fazem com que os próprios indivíduos excluídos e estigmatizados admitam e justifiquem sua condição.

As camadas populares, vendo-se diferenciadas negativamente na sua forma de trabalho interiorizam a convicção de que suas carências pessoais são a causa determinante a ser superada através do esforço próprio. Além disso, a promessa de que canais institucionais estão abertos a todos que se capacitarem a usá-los para atingir a integração social são comumente veiculados como forma de retirar do Estado o peso da responsabilidade pelos problemas sociais mais polêmicos, e transferindo-a para as próprias vítimas dele.

Desta forma, podemos entender a preocupação evidenciada no documento Programa Sol em relação à prostituição de menores, ao uso do tóxico, desestruturação familiar, a fuga de crianças de seus lares e a falta de estímulo para permanecer na escola. São fatos que expressam a exclusão e a marginalidade a que estas populações foram submetidas.

A escola está inserida neste quadro, e infelizmente, muitas vezes acaba por reforçar a discriminação das classes desfavorecidas economicamente. Isto ocorre quando ela não considera as experiências vividas por essas crianças, quando não considera seus valores e sua cultura, quando não observa as diferenças. Para alguns tais diferenças são consideradas como desvios que precisam ser corrigidos e criança passa a sentir-se anormal, o que certamente irá interferir na sua aprendizagem e até levá-la ao fracasso escolar. Segundo Garcia (1995), considerar que a criança pobre não consegue aprender porque é deficiente traz conseqüências para o currículo, como por exemplo, o esvaziamento dos conteúdos. Esses alunos ficam privados do seu direito, na medida em que a escola é uma das poucas possibilidades de apropriação do conhecimento sistematizado.

A criação do Programa Sol, hoje denominado Projeto Sol, também revela a consciência dos problemas existentes no ensino formal e a dificuldade em realizar modificações em sua estrutura, o que mantém a evasão de um grande número de crianças. Neste sentido, a solução encontrada foi a criação de um

trabalho paralelo ao escolar, que procure complementar as necessidades de sua clientela, incentivando-a, ao mesmo tempo, a permanecer no ensino formal.

A proposta de trabalho do Projeto Sol possui características de uma educação não formal, conforme Afonso (op. cit., p. 90). Podemos citar a ênfase dada a solidariedade, explicitada pela escolha do nome SOL, iniciais desta palavra, e pela organização das turmas de várias idades que exige a tolerância e a compreensão para que o trabalho seja produtivo.

O Projeto Sol tem caráter voluntário, pois para a participação das atividades basta que os responsáveis façam a inscrição da criança, ela não é obrigada a estar ali. Outro aspecto característico da educação não-formal é o estímulo à participação das pessoas envolvidas, que no Projeto Sol ocorre em atividades envolvendo trabalho em grupos pequenos e em grupos grandes e nas escolhas das atividades.

A auto-estima dessas crianças é altamente explorada, já que em várias oportunidades podem expor aos pais, colegas e educadores, visitantes e para a comunidade os frutos do trabalho realizado ali, que é o que acontece nos eventos como Internúcleos, Exposições fora do Núcleo e a produção do Jornal do Sol.

O espaço para a brincadeira, momento proporcionado para que a criança sinta-se livre para fazer atividades próprias de sua idade, como correr, pular, se divertir mostra que é intenção do trabalho possibilitar à sua clientela o direito à infância, aspecto contemplado não apenas em documentos, mas observados durante as visitas. Sobre este aspecto vale citar Guattari (1987), pois observa a necessidade de criar meios para evitar que as crianças desde muito cedo percam sua liberdade de expressão, já que sua modelagem pelo mundo adulto tem sido muito expressiva e acontece especialmente por meio da televisão e dos jogos educativos. No Projeto Sol, a hora da brincadeira é um resgate da cultura infantil e permite a essas crianças liberdade para experimentar amizades com crianças de outras idades, inventar novas brincadeiras, explorar o ambiente realizando descobertas.

Há uma preocupação com essa criança que passou ou que irá passar mais de quatro horas sentadas em carteiras na escola, evidenciada pelo modo

como está organizado o horário, ou seja, se a criança foi para a escola de manhã, à tarde, no Projeto Sol, o primeiro momento será o da brincadeira, e para a criança que estuda à tarde, este será o último momento, porque irá passar suas próximas horas sentada.

Possibilitar a escolha de atividades e de brincadeiras, tomar conhecimento das regras em cada ambiente, como refeitório, sanitários e salas permite aos participantes o entendimento dos seus direitos e dos seus deveres, o que muito contribui para a formação da cidadania. As crianças são sempre solicitadas quanto a isso por todos os profissionais, sejam eles educadores ou funcionários.

6. EDUCAÇÃO GERAL E A FORMAÇÃO DA CIDADANIA

Um dos nossos objetivos foi o de verificar o trabalho realizado por pedagogos, que no caso do Projeto Sol, exerce o papel de educador geral. Na verdade, a área de educação geral atualmente é um espaço para profissionais com o magistério, nada impedindo que sejam também formados em pedagogia. A seguir faremos um relato dos dados que coletamos durante nossas visitas.

A área específica de Educação Geral

Das educadoras que observamos, a E1, 38 anos, é casada, tem três filhos. Fez o magistério quando ainda morava no Paraná. Mudou-se para Campinas e trabalhou em diversas empresas antes de montar uma pré-escola, que administrou por treze anos. Após todo esse tempo voltou a estudar e fez o curso de Pedagogia da PUCCAMP. Neste período prestou o concurso em Paulínia e começou a trabalhar no Projeto Sol Morumbi e está neste núcleo há quatro anos.

Já a E2, 25 anos, é solteira, fez o magistério em Paulínia, e assim que se formou, começou a trabalhar como professora contratada no Sistema Estadual de Ensino. Trabalhou por três anos nas séries iniciais do primeiro grau. Fez o concurso de P1 da Prefeitura Municipal de Paulínia em novembro/dezembro de 1996 e passou. Dentre as opções, escolheu o Projeto Sol. Atualmente está cursando Educação Artística na PUCCAMP.

Na relação educador-educandos presenciamos algumas demonstrações de afeto (abraço, desenhos, cartões), principalmente por parte das crianças para com elas. Cada educadora tem sua própria forma de ser, mas percebe-se que elas procuram respeitar as crianças. Da mesma forma as crianças respeitam as educadoras. Vimos situações em que a criança não estava fazendo o que havia sido combinado, e por isso a educadora estava chamando a atenção para que se cumprisse o determinado. A criança resmungou, ficou brava, mas acabou fazendo o que lhe foi pedido.

As educadoras dão oportunidade para escolher, decidir, opinar. "Em que mesa você quer sentar?" "Das histórias que fizeram, qual nós iremos

escolher?” “Não querem falar sobre este assunto, do que então vamos falar, há alguma sugestão?” “O quê nós poderíamos fazer nesta parte da dança para ficar diferente?”

Mas também há momentos em que elas precisam obrigar as crianças a fazer determinadas coisas. “Deixa de graça, eu quero você dançando!” “É claro que vai continuar a história, de onde o colega parou, todo mundo vai continuar a história.”

Observamos também o desenvolvimento das atividades. Assim que as crianças entram na sala, formam uma roda. A roda é uma estratégia muito importante para o prosseguimento de qualquer atividade. Ali crianças e educadora retomam tudo o que já foi realizado em cima do tema ou da oficina, conversam sobre eventuais imprevistos ou mudanças nos planos, e planejam as atividades para o dia. Se no meio de uma atividade acontecer algum problema, a atitude tomada é sentar na roda para conversar e procurar resolver.

A roda também é um centro de debates. Os assuntos que surgem a partir do tema são socializados e refletidos nesta ocasião. As crianças trazem experiências e conhecimentos adquiridos na escola, em casa, na rua ou em outros espaços para estes momentos. As educadoras, cada uma com seu modo de trabalhar, questionam situações e trazem novos conhecimentos. A roda proporciona momentos de avaliação do trabalho tanto por parte das crianças quanto por parte das educadoras. Às vezes, essas conversas ficam tão interessantes, que eles passam o horário todo conversando e debatendo, mas procuram seguir um planejamento.

Os temas são apresentados de formas variadas: pode ser uma música, leitura de um texto ou de um artigo de jornal, pode ser um filme, pode-se contar uma história ou apresentação de gráficos e figuras. São programadas atividades relacionadas com o assunto. Por exemplo, em abril de 1997 o tema foi: “educação e saúde”. Num dia houve a presença da equipe do “Projeto Lixo-Zero/Paulínia 2020, que fez uma série de atividades com todas as crianças (brincadeiras, filme, distribuição de cadernos reciclados), procurando conscientizar as crianças quanto a participação na coleta seletiva do lixo nas escolas, nos bairros. No dia seguinte foram levados a conhecer o Centro de

Controle do Projeto Lixo-Zero, que é um aterro sanitário recuperado e reestruturado. Em outras oportunidades fizeram mímica sobre higiene, desenharam, assistiram filme e encerraram com discussão e desenho sobre: "O que é preciso para ter uma boa saúde?".

As atividades podem ser com todos, em grupos ou individuais. Numa das oficinas que presenciei, as crianças escutaram uma música, fizeram uma discussão em cima da letra, aprenderam a cantar, confeccionaram seus próprios instrumentos com sucatas (chocalhos e tambores), fizeram uma coreografia, prepararam suas roupas, ensaiaram e se apresentaram. Este processo todo durou vários dias, mas estava estampado na expressão das crianças o quanto havia valido a pena.

Já dissemos que a sala usada pelas turmas de educação geral tem quadro de giz, mesas e cadeiras para trabalhos em grupo. Essas mesas e cadeiras são deslocadas para os cantos, para uso do espaço central da sala ou são colocadas em duas fileiras, sempre deixando um espaço no centro. Essa liberdade no uso do espaço permite que as atividades sejam das mais variadas.

Nos dias em que estivemos realizando as visitas, foi possível observar o relacionamento entre as crianças. No período da tarde, as idades se misturam, parece não haver uma predominância de faixas etárias.

Não existe separação de idades para participar das atividades. Numa ocasião observamos um grupo de três meninas jogando "Banco Imobiliário". Para jogar era necessário que os participantes lessem as cartelas e escolhessem a opção seria mais vantajosa, para isso era preciso também saber realizar contas. Apenas uma delas tinha domínio sobre estes aspectos, as outras duas, estavam na primeira série, mas recebiam auxílio e eram incentivadas a fazer as contas pela amiga.

Existem algumas crianças bem agitadas, estão sempre mexendo umas com as outras: pulam nas costas do colega, puxam a blusa, estão sempre correndo umas atrás das outras e lutando, às vezes, até se machucam. De vez em quando sai uma pequena briga, mas não vimos e nem tivemos informações sobre problemas maiores entre elas.

Discussão sobre a área de Educação Geral

Cidadania é um aspecto que está presente em todo tempo, consciente ou inconscientemente no Projeto Sol. Notamos, por exemplo, na escolha que os participantes fazem quando formam as turmas, nas horas de brincadeira, na hora da roda na sala da atividade específica. O educador é peça chave neste sentido. Para favorecer uma formação democrática da cidadania é importante que o educador também tenha uma postura democrática. Precisa ser sensível para "ler" os sentimentos, os olhares, as expressões e as emoções das crianças.

Freire (1985) defende que o democrático tem sua ação educativa voltada para a ajuda mútua, para a troca de experiências reconhecendo e descobrindo novos valores significativos com a criança. O educador precisa ser uma figura presente e amiga, que se solidariza e se compromete com seus educandos. Tal postura depende muito do seu compromisso político para com essas crianças.

Observamos as dificuldades dos educadores do Projeto Sol em lidar com certos comportamentos apresentados pelas crianças. Isto pode ocorrer porque há diferenças de valores, pois como já foi visto, a clientela do Projeto Sol é constituída por crianças oriundas de várias partes do país, cada qual tem sua história, seus costumes, suas crenças, a diversidade cultural é grande. Isto em confronto com a bagagem cultural do educador influencia no seu pré-julgamento em relação às crianças (Garcia, op. cit.).

Embora não tenha sido objeto de nosso estudo, é bastante interessante para futuras pesquisas, a questão da possibilidade de que os educadores provenientes de classes populares tenham menos dificuldades no tratamento da clientela do Projeto Sol, do que aqueles criados em famílias de classe média. A incompreensão destes últimos sobre as necessidades e anseios dos educandos se expressa na imposição de sua própria cultura, o que acaba por produzir atitudes de rejeição deste profissional, levando-o a abandonar o trabalho.

Acreditamos que a postura do educador deve conciliar sua autoridade com a liberdade dos educandos. Precisamos dizer que quem educa precisa

colocar limites, sem os quais não há formação. Às vezes é preciso dizer “não”, mas um “não” na hora certa. Esta é uma tarefa difícil, mas sabe-se que a licenciosidade destrói a autoridade, e esta é imprescindível. Ao mesmo tempo o educador deve ter uma autoridade que mantenha a confiança dos educandos, de forma que os faça procurá-lo para ajudar a resolver suas dúvidas (Freire, op. cit.).

Em relação às atividades que se desenvolvem, sejam as brincadeiras ou as atividades das áreas específicas é preciso estar atento para não induzir, mas, aceitar a colaboração crítica e consciente das crianças. No diálogo com as crianças não se busque respostas definitivas. É bom que o conteúdo seja a própria vida do grupo, como vimos acontecer algumas vezes nas rodas no momento específico do educador geral, mas é importante saber que desta maneira os educandos são levados à consciência de que as culturas são recriadas, isto é, estão sempre se refazendo em função de cada grupo que nelas se inserem. O educador, assim, ouviria o que os alunos têm a dizer sobre si mesmos, para somente depois revelar-se pela sua identidade. Para isso é necessário que aprenda a interagir com movimentos sociais (Gonçalves e Silva, 1993).

A proposta das áreas específicas possibilita a interdisciplinaridade, ou seja, o educador geral, responsável pelas disciplinas de língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia ao planejar as atividades de uma forma lúdica, além de promover a integração destas disciplinas, também integra os conhecimentos das outras áreas específicas: educação artística, educação física e artesanato. O mesmo acontece com as outras áreas. Desta forma, as atividades ficam muito mais interessantes para as crianças e permite-lhes explorar suas mais variadas formas de expressão. O produto final revela as visões de mundo com muita criatividade.

7. AS DIVERSAS VISÕES SOBRE O PROJETO SOL MORUMBI

Estivemos realizando entrevistas com a diretora, as educadoras da área de educação geral, um funcionário que também é pai de crianças no Projeto Sol e com várias crianças. Através destas falas pudemos conhecer as diferentes visões sobre trabalho em relação a alguns aspectos.

A justificativa para a criação do Programa Sol eram as características da população que vinha se instalando em Paulínia. Parece, segundo a diretora do Projeto, que continua sendo uma realidade muito marcante no município:

D – "...Paulínia agora tem uma população muito nova. Nova que eu digo é de família. (...) esses que vêm de fora, eles vêm de regiões muito pobres, paupérrimas. Então chega em Paulínia, aqui é um paraíso porque tem regiões que não tem nem Posto de Saúde. Aqui tem um posto de Saúde super bem montado, tem um Pronto Socorro pronto pra atender. A família está precisando de emprego? Vai até o CAT, o CAT está encaminhando. É cesta básica, é cobertor, material escolar... remédio, óculo, aparelho dentário...! Então, a família que vem, chega, se depara com essa realidade... é maravilhoso! Elas acham que é maravilhoso. Mas o que está trazendo as famílias pra Paulínia agora é casa, casa própria. A possibilidade de uma casa própria."

A situação das famílias que chegam em Paulínia é uma realidade forte em nosso país. A falta condições de sobrevivência em algumas regiões do país impedem que famílias permaneçam em seus locais de origem. Martins (op. cit.) demonstra o sofrimento destas populações que migram em busca de uma base segura de sobrevivência, e muitas não têm sorte. A diferença é que Paulínia é uma cidade urbana e industrial e a população que chega na cidade não possui as qualificações necessárias para trabalhar nas grandes indústrias. Essas famílias são atraídas pelos benefícios que o município oferece. Estas ações por parte dos dirigentes, correspondem à política expansionista, já referida.

Quanto às crianças que freqüentam o Projeto Sol, uma das educadoras que mora em Paulínia, diz algo sobre a realidade da família e sobre o interesse delas pelo trabalho desenvolvido no Projeto:

E2 – *Tem umas crianças que dá para perceber que não têm ninguém em casa. Então, por isso, nada melhor que um lugar assim que a mãe confie que possa deixar. Então tem alguns que eu vejo isso. É tipo assim: o pai e a mãe trabalham. A casa vai ficar sozinha. Então pra eu ir trabalhar mais tranqüila, é bom que ela vá para o Projeto Sol. Agora tem situação também que você percebe a criança. Ela vem pela própria proposta do trabalho, porque ela gosta de estar nesse meio, de estar brincando e conhecendo ao mesmo tempo. Então você percebe diferença na criança, porque ela ali... ela está interessada, está fazendo, está criando, está brincando. Você percebe. Agora tem aquelas que também não... ela acaba gostando porque também não tem opção. Ela não pode escolher: ou fica na casa dela ou vem pro Projeto.*

O fato de tanto o pai quanto a mãe precisar trabalhar fora é justificado pelas ofertas de emprego existentes. A remuneração para as funções que exercem, como já vimos ao falar sobre a clientela do Núcleo Morumbi, são muito baixas para suprir as necessidades da família. Mais uma vez voltamos ao modo de acumulação capitalista, que cada vez mais tem exigido mão de obra qualificada, excluindo aqueles que não a possuem.

As crianças gostam do Projeto Sol, segundo a fala de E2, mas e como elas são na escola formal? A visão da E1 sobre isso é a observação de várias crianças com dificuldade na escola formal:

E1 – *A maioria que está no Projeto tem dificuldade. São crianças que têm uma certa... não são todas. Não estou generalizando. Tem criança, que é óbvio, está indo muito bem na escola, que têm um apoio em casa. Mas 80% eu acho que tem dificuldade. Não se enquadra no contexto social. Não é que não se enquadra na escola. Não se enquadra na escola porque a escola foi feita para se enquadrar num tempo e num contexto social que ela criou, a escola. Então tem criança que não entra.*

Além disso, a clientela do Projeto têm necessidades muito específicas:

E1 – *“... cada um tem uma história de vida e alguns nem tanto agradáveis. Outros já vivem na rua, conhecem muito mais da vida do que você! Ou mesmo aqueles que não vivem na rua e que têm famílias, mas moram... quatro, cinco famílias numa casa só, de dois cômodos. Eles conhecem muito mais da vida. Eles escutam muito mais sobre a vida e vivência, e presencia algumas situações de vida muito mais*

do que você.” ...”Desde a falta de dinheiro, da falta de emprego, da falta de alimentação...”

A E1 percebe que a escola não consegue muitos avanços com essas crianças, já que suas necessidades não são contempladas ali. Muito provavelmente, o que ocorre com os profissionais da escola formal é que não partem da realidade e do conhecimento de sua clientela, não valorizam as diferenças, o que realmente é muito difícil com a atual estrutura educacional, mas não impossível. Camargo (op. cit.) complementa este pensamento, ao dizer que o sistema oficial de ensino é marcado pelo chamado fracasso escolar, pois seus profissionais são mal formados e o currículo está longe das experiências de vida das crianças de famílias de baixa renda.

A família pode ter grau de culpa, que justifique sua situação, esta é a fala de um dos funcionários:

F – “... *tem pai incompetente, eu sei que tem pai incompetente. Tem pai que é doente, às vezes. Ele não sabe passar uma aparência melhor para o filho. Então por mais que seja aqui, na escola a gente vê que falta, às vezes, os pais. Eu vejo falha nos pais, porque o pai leva pinga pra casa, o pai tá cheio de amigo bêbado e oferece até cerveja pro filho... às vezes o pai usa drogas, existe pai que usa droga, eu conheço. Então o que a gente pode fazer? Só tem uma alternativa: entregar na mão de Deus, porque a gente sofre de ver aquela criança, tão novinho... Mas, o mundo é assim mesmo, né. É entregar na mão de Deus, pra que ele ajude essas pessoas. Quem sabe uma hora a mente abre e ponha eles numa recuperação, né.”*

Em primeiro lugar, é importante que se entenda que a divisão entre apropriados e expropriados mostra a forma desigual da estrutura da sociedade capitalista (Faleiros, 1987). A desigualdade para muitos, é fruto não do resultado de uma estrutura, mas das diferenças naturais entre os homens, ou seja, o rico e o pobre estão nestas condições devido às suas próprias capacidades. Estas estratégias de exclusão e estigmatização como forma de manter a ordem e o direito legítimos das classes privilegiadas são tão eficazes que fazem com que os próprios indivíduos excluídos e estigmatizados admitam e justifiquem sua condição. É o que ocorre na fala deste funcionário, que responsabiliza a família pela situação em que se encontra.

A maioria dos pais trabalha fora (75% são mães), como já foi descrito, e na maioria das vezes essas crianças não têm onde ficar, isto está presente nas versões das próprias crianças, ao serem questionados do porquê vão ao Projeto Sol:

Jaqueline (9 anos) – *Eu venho mais porque a minha mãe me colocou e porque eu tenho medo de ficar sozinha em casa.*

Guilherme (8 anos) – *Minha mãe manda eu vim. Eu não posso faltar aqui... Ela não gosta que eu fique na rua. (Fica alguém na sua casa?) Meu pai fica. Ele dorme um pouco porque ele trabalha à noite. (E sua mãe?) Fica trabalhando.*

Pedro (11 anos) – *Porque a minha mãe e meu pai trabalha e não dá pra cuidar de nós.*

Natalício (10 anos) – *Minha mãe trabalha de faxineira, meu pai trabalha na Zênica.*

Há outros motivos apresentados pelas crianças sobre a necessidade de freqüentar o Projeto Sol:

Loruama (9 anos) – *Porque nossas mãe não tá em casa. E esses dias lá assaltaram a casa da minha amiga.*

Júlio (11 anos) – *Eu não gosto de ficar sozinho. Se eu vou ficar sozinho, eu vou ficar na rua. (E na rua é ruim ficar?) É. Você passa fome, você fica sem tomar banho. Um monte de coisa.*

Daniela (7 anos) – *Porque é muito perigoso. Porque entra ladrão.*

Leandro (13 anos) – *Eu venho porque eu quero. Em casa eu não faço nada. Eu venho porque eu quero mesmo.*

Bruno (9 anos) – *Aqui é legal. Aqui você brinca. Na minha casa eu só fico assistindo televisão.*

Nestas falas ficar em casa sozinho é perigoso. A presença dos pais em casa significa a segurança, o controle evitando a saída para a rua. A "rua", nas falas dessas crianças revelam o significado dado pela família sobre espaço, ou seja, a rua simboliza o espaço do desvio, do perigo, da marginalidade, da privação. Talvez a maior parte das famílias brasileiras atribuam à mãe o papel de cuidar e de dar formação moral à criança. Ao se ausentar com o fim de assegurar a sobrevivência de sua família, observamos a preocupação para que os filhos permaneçam em local seguro, já que a casa apresenta perigos.

No entanto, Gouvea (1993) assinala nos seus estudos, que estes aspectos geralmente sofrem mudanças a longo da vida da criança: "a criança menor, é mais afeita ao pólo da casa, ao controle familiar; já a criança maior, o adolescente, tem seu cotidiano marcado de maneira mais acentuada pelo convívio com os grupos etários de rua." (p.51) Sendo assim, para os maiores a rua pode ser local de socialização, simbolizando o espaço da aventura e da diversão, e não do desvio.

Existem vários casos de famílias no Projeto Sol, como vimos ao descrever a clientela, os pais são separados, e a mãe trabalha para garantir o sustento, muitas vezes acompanhadas por outros parceiros. Poríamos dizer que esta é uma característica da "família matrifocal", ou seja a mãe constitui-se na referência central, sendo o homem o parceiro eventual (Gouvea, op. cit., p.51).

Evidenciamos nas falas algumas características da clientela, mas e a educação geral? Como estes profissionais estão lidando com essas crianças? Nas nossas observações percebemos a preocupação em respeitar a criança enquanto criança. Há ainda outros aspectos interessantes:

E2 – *Se você fala pra criança, você dá opção de escolha e, no caso, eu vejo democracia aonde? A maior parte escolheu, é o que ganha. E você quer queira ou não, vai ter que fazer aquele porque a maior parte decidiu. É assim nas eleições, nas votações e tudo o mais. Então quando eu falo assim pra eles, a opção de escolha é de vocês. A partir do momento que você escolheu. A responsabilidade é sua, e você tem que... né. Então, antes deles estarem fazendo isso, alguma atitude de escolha, eu estou colocando isso pra eles. Eu falo assim: "olha vocês preferem isso, ou vocês preferem aquilo?" É claro, daí cada um vai estar pensando já, só que muitos vão pela idéia do outro. A gente já tem que alertar. "não vai pelo que o outro escolheu, você tem as suas diferenças, você escolhe o que você acha."*

E1 – *Ontem eu falei: "nós vamos falar um pouquinho sobre a profissionalização." "Ah...", uma menina falou. Aí eu falei: "vocês não querem falar sobre profissionalização?" "Ah... eu não quero!" "Então fala pra mim o quê você quer fazer então. Sobre o quê nós vamos conversar hoje? Você tem uma idéia? Porque talvez, você tenha uma idéia para colocar e a gente fala sobre outro assunto então." Aí ela não tinha opinião. Todo mundo "uuu...!", eles não perdoam. Aí eu fui conversar com eles. Quer dizer, eu achei que foi ótimo porque nós não falamos sobre profissionalização de imediato. Nós falamos sobre você aceitar, às vezes, você tem*

que aceitar a opinião, tem que aceitar o que está acontecendo à sua volta. Agora, se você tiver uma forma de mudar, alguma idéia, alguma coisa pra fazer que fique melhor, mais agradável, você pode falar. Mas se você não tem, você tem que primeiro ouvir. Porque eu não tinha falado ainda sobre profissionalização. Quem garante que o assunto não seria interessante?

Observamos que as educadoras têm uma atuação voltada para a formação da cidadania ao falarem sobre escolhas, sobre o direito de dar sua opinião, de expressar suas próprias idéias, e de outro lado quando insistem na responsabilidade das escolhas feitas, da posição assumida.

Ainda sobre a forma de atuar com as crianças, perguntamos às educadoras se tinham dificuldades com algum comportamento manifestado pelas crianças:

E1 – *Eu tenho mais dificuldade de lidar com aquela criança que é muito... que se faz de boazinha. Que se faz de santinha, sabe. Que está sempre beijando, abraçando, mas no fundo não é, belisca o colega por trás, mas tem aquela aparência de quietinha, de boazinha e que a maioria das pessoas assim... adora. Eu prefiro crianças que já fala, que xinga, porque aí eu sei como lidar. É uma criança aberta, certo, transparente. Agora aquela criança que, às vezes, não é tão boazinha, ou que é muito mimada em casa, nós temos, temos crianças muito mimadas... é difícil de você lidar com elas, porque ela recebe um respaldo em casa, de todos, de todas as faltas que ela comete. Eu deixo pro grupo, às vezes. Eu converso muito.*

E2 – *A que eu tenho mais dificuldade é aquela criança que você fala, porque existe um esquema na sala de aula, que é sentar em círculo, que é prestar atenção, a hora de falar, a hora de ouvir, a hora de dividir o grupo, a hora de fazer o trabalho. É aquela criança que passa a te enganar. Então ela fala assim: "posso ir no banheiro?", sai da sala e some. Eu não tenho tempo para ficar correndo atrás delas pelo Projeto, isso me irrita. Porque ela falou que ia e não foi, ficou passeando. É aquela que... aquela que realmente está te enganando. E aquela que é agressiva com você. Aquela que consegue usar aquelas palavras que te coloca lá embaixo. Isso é pessoal de cada professor.*

As dificuldades destas educadoras são diferentes, isto ocorre talvez pela bagagem cultural e a experiência de trabalho de cada uma. E1 é a filha mais velha dos sete irmãos que acabou criando porque sua mãe faleceu quando tinha 13 anos de idade. E embora, não tenha trabalhado antes de se formar,

passaram por diversas dificuldades numa pequena cidade no Paraná, onde morou até os 20 anos. Além disso, trabalhou treze anos dirigindo uma pré-escola e há quatro anos está no Projeto Sol Morumbi.

E2 nasceu no interior de São Paulo, e mudou-se para Paulínia quando tinha 8 anos. Fez o magistério ali e lecionou no ensino formal durante 3 anos. Era recém concursada, na ocasião de nossa coleta de dados.

Atualmente para trabalhar no Projeto Sol, na área de educação geral, como já dissemos, é necessário fazer o concurso para P1, que está direcionado a todas as vagas que houver na rede municipal de ensino. O candidato, após passar por um exame escrito e uma entrevista, recebe uma classificação lhe permitindo escolher, dentre as opções que se apresentarem, o Projeto Sol. As profissionais de Educação Geral foram admitidas desta forma, como já foi dito, a primeira (E1) está na Instituição há quatro anos e a segunda (E2), iniciou em 1997:

E1 – Eu fiz o concurso para P1. Quando eu vim escolher, eu passei em quarto lugar, eu tinha opções. E dentre as opções tinha o Projeto Sol. Aí antes eu tinha me informado qual era mais próximo de Campinas, qual que ficava na entrada do bairro. Aí eu escolhi o Projeto Sol, e tinha o Monte Alegre e o Morumbi no dia que eu vim escolher.

E2 – Fiz o concurso. Passei. Aí o que acontecia: o horário de eu cumprir o que eles chamam de HTP era das seis e meia às sete e meia. Eu tenho que estar às sete horas na faculdade. O ônibus passa perto da minha casa: às seis e dez, então eu ia ter que sacrificar ou a faculdade ou o local de trabalho. Para evitar esse tipo de coisa, então eu já preferi escolher o Projeto Sol.

A possibilidade de escolher está restrita à colocação no concurso, além disso vemos, através destes depoimentos que a escolha pelo Projeto Sol nem sempre ocorre porque o educador conhece o trabalho, se identifica e a credita nele. São raras as pessoas que fazem uma escolha consciente pela Instituição. A educadora (E1) nunca ouviu falar do Projeto Sol até o concurso, e a E2, diz que ouviu comentários sobre este tipo de trabalho no magistério, pois ela o cursou em Paulínia. Mas a E1 ainda acredita que é preciso algo mais do que ter formação voltada também para a educação não-formal:

E1 - *Eu acho que a proposta de educação informal tem um pouco haver com a proposta da pré-escola. Pelo menos com a proposta que eu desenvolvia na minha pré-escola. A gente não tinha o compromisso, mesmo sendo particular, de alfabetizar, por exemplo(...) Eu penso que não estava distante. E hoje também, a vivência. Se você pega uma recém formada e coloca no Projeto Sol... Você tem que ter uma vivência pessoal. Não como educadora. Como pessoa. Senão você não consegue lidar com essas crianças... Elas necessitam de alguém que tenha um conhecimento. Que tenha conhecimento... que não seja tecnicamente competente. Tem que ser tecnicamente competente, mas que também tenha afinidade no dia a dia com a vida. Conheça a vida. Senão você fica falando só na teoria para eles e eles vão ficar rindo de você a hora que você vira as costas. É o que a gente vê quando chega gente nova lá.*

A posição desta educadora define mais uma característica da educação não-formal, chamada por ela de informal, que é justamente a flexibilidade de conteúdos. Além disso, ela aponta a necessidade de um educador bem formado, com bons conhecimentos teóricos, mas que também seja sensível e se envolva com as questões vitais desta clientela. Quanto a isso, já dissemos que a bagagem cultural do educador influenciará na relação educador-educandos. Sendo assim, enfatizamos a necessidade do educador estar sempre refletindo sobre seus valores e sua visão de mundo em relação aos das crianças do Projeto Sol, já que apresentam uma diversidade muito grande de culturas.

Sobre a permanência no Projeto, pode-se observar uma grande rotatividade de educadores, não são todos os que permanecem neste tipo de educação:

E - *Olha, eu acabei de fazer inscrição para o concurso da pré-escola. Eu, quando me formei no magistério, eu me formei para dar aula na pré-escola, não foi para a primeira a quarta séries, na escola formal Eu queria dar aula para a pré-escola. E... eu não pretendo me aposentar aqui não. Eu não nego também que eu goste das pessoas daqui, da forma de tratamento de um com o outro e do trabalho. Eu gosto. Assim, se eu continuar aqui não vou ficar imobilizada não. Continuo aqui, mas sempre tentando inovar de alguma forma, mas, sem dúvida, eu vou estar procurando outra coisa.*

Mas há também aqueles que se identificam com o trabalho, permanecem e fazem suas carreiras.

A orientadora pedagógica do Projeto Sol, de antemão já havia nos alertado em relação a permanência e atuação dos profissionais. Acredita que esta situação é decorrente da inexistência de um concurso específico, como era na época em que o Projeto Sol vinculava-se à Secretaria da Promoção Social. Particularmente, entendemos que esta questão vai além disso. O fato dos educadores não conhecerem a forma de trabalho do Projeto Sol permite uma rotatividade grande, impedindo a formação de uma equipe de trabalho. Mas, o problema maior é que a formação do profissional de educação ainda é muito deficiente no âmbito da educação formal, o que se dirá no campo da educação não-formal? São raras as instituições que trabalham com esta categoria de educação, e a produção acadêmica ainda é muito escassa.

Mas, e na visão dos profissionais, o Projeto Sol tem atendido às necessidades de sua clientela? O zelador, por morar na casa onde fica o Projeto desde que foi construído, tem conhecimento de algumas famílias e acompanhou crianças que passaram pelo Projeto:

F – *“... a maioria que passou com a gente aqui, graças a Deus, criaram família. Outros estão trabalhando, adquiriu a sua motinha, o seu carinho. Raros aqueles que foram por outros caminhos errado, mas tem também. Tem umas duas que passou por aqui, pelo Projeto comigo, de criança. Tem uma menina aí, tem uma moça que é mãe solteira... Umas duas só. Rapaz, tem um que virou bandido, outro que foi preso. Mas no meio de cem, dois ou três pegou o caminho errado. Mas não foi aqui, a gente. É o mundo, é o mundo mesmo. Aquela rua lá... as crianças saem daqui, daí chega lá fora e faz outras amizades...”*

A educadora geral e a diretora têm suas opiniões sobre o fato do Projeto Sol estar atendendo às necessidades da clientela:

E1 – *Não está 100%, precisa melhorar muito, eu acho. Mas eu acho assim que tem cumprido a função. Eu acho que o Projeto Sol tem grande utilidade para aquelas crianças, sem ele eu acho que muitas crianças teriam se perdido. Porque os pais trabalham, as crianças iriam ficar na rua, iriam se envolver com outras coisas, teriam se desinteressado pela escola. Ali, pelo menos... tem uns que não gostam de ir, mas exatamente por isso, porque preferiam estar na rua. Mas, por outro lado, você tem*

aqueles que sentem saudades quando tem férias. Nos primeiros dias do mês de agosto vêm todo mundo.

D – *Olha, eu acredito que tenha atendido sim. Mas a gente, enquanto profissional, que continua buscando, a gente quer sempre mais. A gente quer sempre que os nossos professores sejam mais dinâmicos, porque as nossas crianças são muito. Nós não podemos parar e falar assim: “Vamos estacionar aqui e está tudo ótimo, maravilhoso!” Não. A gente comete erros dentro do Projeto, porque a gente está buscando o certo. Mas, acompanhando essa diversidade que está aí fora. Não podemos parar. Estar trabalhando, estar refletindo sempre, mas não só refletir, agir junto. Os dois.*

A concepção de um trabalho que leve a clientela a ser bem sucedida está ligada à formação de uma família e à posse de bens através do trabalho, que são caminhos legais aprovados pela estrutura capitalista, ainda que a custo de muito sofrimento.

Novamente, a rua aparece como o caminho do desvio, das más companhias. Faleiros (op. cit.) a este respeito explica que para a perspectiva dominante a pobreza é útil, mas a revolta contra a pobreza é ilegal, pois assim a sociedade existente perderia sua legitimidade. “A transformação do pobre revoltado em ator subversivo justifica a exploração e a punição de atos que possa cometer para obter seus meios de sobrevivência.” (p.7)

Ainda nestas falas observamos a preocupação em manter as crianças na escola formal, e ainda a inquietação no sentido de buscar melhores formas de atuação, de integração entre os profissionais através da reflexão nos encontros e nas reuniões.

☞ E o que é o Projeto Sol para as crianças? É um lugar que elas vão fazer o quê?

Vanuza (12 anos) – *Aqui eu gosto de brincar e também a gente recebe trabalho. Se a gente quiser fazer lição, a gente vai lá e na hora, na sala, eles falam: “quem tem lição?” A gente separa as mesas, quem vai fazer a lição, aí tem os horários de fazer a lição e depois termina. Tem vez que se eles quiserem, eles fazem a brincadeira... Tem os desenhos também que eles passam, desenho livre, desenho que eles inventam...*

Gabriela (8 anos) – *Aqui no Projeto Sol eu venho aprender um monte de coisa. Sobre higiene e saúde, é o tema de abril, a gente está aprendendo agora. E*

também eu gosto de vim por causa das brincadeiras e porque aqui é mais gostoso fazer o dever de casa.

Jaqueline (9 anos) – *Aqui no Projeto Sol a gente vem para aprender. Mas, quando eu comecei a entrar, eu não gostava muito. Eu falava assim: “no Projeto Sol eu não tenho nada que aprender, eu já aprendi, eu já fiz o dever de casa!” Então, aí meu pai falou assim: entra, entra, entra que é bom.” Aí eu falei assim, no primeiro dia: “pai, olha é bom sim estudar no Projeto Sol, por causa que lá a gente aprende mais coisas do que na escola e a gente faz o dever de casa!”*

Bruno (9 anos) – *Ah... nós vem brincar e aprender a comer. (O quê que você aprende sobre comer?) Ah... comer certo, não jogar comida fora.*

Elizabeth (7 anos) – *É... estudar e brincar.*

André (8 anos) – *Brincar.*

Leandro (13 anos) – *Eu venho se divertir mesmo. Não tem nada pra eu fazer em casa, eu venho só prá brincar. Conhecer mais colegas, só isso.*

Jefferson (6 anos) – *Eu venho aprender coisas. Meu não tenho nada pra fazer mesmo em casa. (Que coisas você aprende, por exemplo?) Muitas brincadeiras...*

Em relação às educadoras, a maior parte das crianças disse que gostam de todas, mas ouvimos algumas respostas interessantes:

Guilherme (9 anos) – *São legais. (Tem preferência por alguma?) A Sônia e a Lu. (Por quê?) Hum... porque elas dão ótimas brincadeiras!*

Gabriela (8 anos) – *Tem umas né... que são chatas e tem algumas que não, assim... dá coisas mais legais. Então a gente fala assim: “tal professora é chata e tal professora é legal.” (As chatas fazem o quê?) As chatas, elas colocam a gente de castigo, não deixa a gente participar da brincadeira.*

Alexander (10 anos) – *Eu acho legal elas, mas só que de vez em quando a gente fica lá ouvindo sermão para o bem da gente mesmo. (Por quê, o quê vocês fazem?) Hum... a gente, de vez em quando... a gente apronta cada bagunça aí!*

Loruama (9 anos) – *Eu acho elas muito legal. Muito mais legal do que a da escola.*

André (8 anos) – *Eu acho muito boa e o ensino é muito melhor que o da escola.*

A influência positiva do ambiente a que estão submetidas estas crianças lhes proporciona uma melhor visão à respeito dos educadores. Mesmo assim,

pode-se notar nos momentos em que as regras são quebradas existe uma postura de autoridade, e alguns até reconhecem essa necessidade.

Fizemos ainda uma pergunta para as crianças, embora algumas já tivessem falado desta questão antes mesmo de serem questionadas. Qual é a diferença entre a Escola e o Projeto Sol?

Pedro (11 anos) – *A diferença é que o Projeto Sol tem desenho, tem dança, tem tudo, mas na escola não é assim. Na escola você tem um horário pra cada coisa.*

Leandra (8 anos) – *É que na escola a gente escreve mais do que a gente escreve aqui.*

Daniela (7 anos) – *Nenhum dos dois porque aqui ensina e na escola também.*

Alexander (10 anos) – *Ah... praticamente igual. Mas só que aqui, em vez da gente ficar fazendo o tempo todo, fazendo prova, lição, a gente aqui, praticamente, brinca o período inteirinho.*

Leandro (13 anos) – *Não é diferente, aprende tudo a mesma coisa.*

Como vemos, para estas crianças o Projeto Sol é espaço para a brincadeira, para a diversão, para novas amizades. Estas características, ao contrário do que se poderia pensar, são conciliadas pelas crianças, ao aprendizado. Brincar e aprender estão associados.

É interessante que algumas crianças apontam a diferença entre a escola e o Projeto Sol pelo fato de fazer lição, escrever. Na área de educação geral, o educador sempre solicita às crianças a escrita, só que de uma forma tão ligada ao andamento das atividades, que elas não se sentem obrigadas a isso porque é uma necessidade.

O funcionário entrevistado, trabalha há onze anos na Instituição, e tem uma filha que já passou pelo Projeto Sol e dois filhos que ainda estão lá. Portanto também tem uma visão do que representa o Projeto Sol para as famílias:

F –*O Projeto Sol fornece o seguinte: Ele, em primeiro lugar, tira a criança da rua. Eu vejo as pessoas falarem: “por quê tira a criança da rua?” Porque é o seguinte: a mãe trabalha, o pai trabalha, muitas vezes. O que acontece? Essa criança vai ficar com quem? Tem os perigos da casa da gente: o gás, parte elétrica, tem muitos perigos na casa da gente. Sempre preocupa. Então é perigoso deixar sozinho. Outra parte: é que as atividades que eles têm aqui influencia bastante na*

escola. Influencia bastante na escola, por quê? É... recorte de revista... então uma criança que começa no primeiro ano, geralmente, que nem eu tive a minha filha, ela vai para a escola de manhã. Ela está agora lá. Por exemplo, quando é meio dia e meia, ela vai entrar aqui. O que acontece? Ela está batalhando na leitura dela, está tirando a mente de ficar bagunçando, quebrando coisa, sei lá, sabe. Mente no estudo, na educação. Legal. Sai de lá, chega aqui (Projeto Sol), tem comida aqui. Para acabar, já toma um lanche. Depois chega aqui, vai recortar as revistas, montagem de um brinquedo, alguma coisa que seja. Todas aquelas idéias com os professores aqui dentro tem que haver com aquelas que ela passou de manhã, o estudo da manhã, que ela faz lá. Tem coisa que ela faz lá e chega aqui, não é a mesma coisa, mas palavras, letras, então é no mesmo sentido. Então ajuda a lição dela de lá. Por exemplo, eu trabalho, chega de tarde tenho alguma coisa pra fazer. A mulher tem janta. Então se ela chega aqui para fazer a lição dela, que até tem uma ajuda do professor, que tem um horário para fazer lição, o professor explica a ela o que ela está em dificuldade e ajuda. Então é ajuda de todo lado. Eu vejo aqui com o meu filho e a minha filha.

Percebemos que, como pai, tem uma ótima percepção do trabalho desenvolvido ali, pois compreende a complementaridade dos dois tipos de educação.

O Projeto Sol Morumbi realiza um trabalho com os pais, principalmente porque a clientela está sempre em rodízio, segundo a diretora, e as famílias novas não conhecem a atuação da instituição:

D – A grande maioria acha que é colocar o filho lá e tudo bem... E a gente não aceita isso. O Projeto Sol não é uma creche grande, uma creche para crianças maiores. Não é. Então a gente tem um trabalho de, no primeiro semestre, estar chamando os pais: o que é o Projeto Sol, como que a gente trabalha. E estar puxando os pais para essa responsabilidade de estar assumindo os seus filhos. (...) A gente está ali para fazer um outro trabalho, desenvolvendo com a criança.

Eles fazem atividades com os pais, no sentido de experimentarem o que as crianças também fazem ali, e com isso obter um reconhecimento da importância do trabalho desenvolvido ali.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o processo de observação, registro e análise de dados empíricos pelo qual passamos é preciso retornar às questões iniciais do trabalho. Em primeiro lugar, o Projeto Sol caracteriza-se como uma instituição de educação não formal?¹⁰

Entendemos que o Projeto Sol é uma instituição de educação não formal, por apresentar um caráter voluntário, por não haver seriação ou qualquer outro tipo de hierarquia no que se refere à clientela, por promover a socialização e a solidariedade entre os participantes, porque favorece a participação, porque favorece a participação com utilização de projetos de investigação. Mas há alguns aspectos, que talvez, por ser uma instituição pública, a descaracterizariam como educação não-formal, como por exemplo, há uma hierarquia formalizada na equipe de profissionais com certa subordinação a um poder centralizado.

O Projeto Sol assegura o direito à infância, ao brincar, ao desenvolvimento de suas potencialidades artísticas, intelectuais e físicas. Isso não só está fortemente presente nas falas das próprias crianças, mas nos tipos de atividades observadas.

As crianças do Projeto Sol são muito comunicativas e receptivas. Isso é evidente a qualquer um que visite o lugar. Elas conversam sobre todo tipo de assunto e estão sempre chamando para participar das atividades com elas. cremos que um dos motivos desta característica é a roda. A roda proporciona momentos de debate, discussões de posições e de idéias. Todos participam, se envolvem, dão a sua opinião. Ali elas conversam juntamente com as educadoras sobre os mais variados assuntos e têm a oportunidade de conhecer realidades diferentes das sua.

¹⁰ Caracterização de educação não-formal segundo Afonso, op. cit., p. 90.

A maior parte dessas crianças acreditam no que são capazes de fazer e não são inibidas. A auto-estima é desenvolvida através de apresentações de atividades, que é uma prática constante, tanto para sua turma, quanto para os pais, ou para eventos como o Internúcleos e a Exposição de desenhos na Câmara Municipal.

Há preocupação em partir da identidade cultural dessas crianças para daí ampliar o conhecimento, procurando unir as culturas popular, erudita e científica. Mas, cremos que poderia ser mais rico se houvesse participação mais intensa dos pais e da comunidade, no sentido de resgatar mais de suas culturas e buscar as contribuições que eles também têm para dar.

A ação educacional voltada para a cidadania, é um aspecto que acreditamos estar presente no dia a dia, de forma até inconsciente. Sendo chamadas a fazer escolhas simples, tomar algumas decisões, conhecer as regras e cumpri-las, aos poucos vão aprendendo a lidar com as questões do direito e do dever. Vale destacar um momento em que isso se dá de forma explícita: a hora da roda na sala de atividades no núcleo do Morumbi e a roda externa na arena no Monte Alegre.

Mas, em alguns momentos, embora haja um convite para a participação delas, é observamos a instituição e o educador dizendo o que as crianças têm que fazer, ao invés de procurarem uma elaboração conjunta no que refere às regras, à escolha dos temas e às atividades em sala. Queremos que essa questão fique bem clara. Não estamos dizendo que não haja oportunidade de escolha, que não haja participação das crianças, e sim que estes aspectos poderiam ser melhor explorados. Temos consciência da dificuldade e dos esforços que esta prática requer.

Mesmo que uma das preocupações do Projeto Sol seja a permanência dessas crianças na estrutura formal de ensino, e tem conseguido bons resultados, ainda se verifica a existência de alguns que já possuem 13 anos, e ainda estão nas séries iniciais do primeiro grau. Estas continuam sendo "estudantes em situação de risco", pois deixando o Projeto Sol, quem assegura a permanência desses adolescentes na escola? Quem garante que eles continuarão estudando? Conforme as condições das famílias, correm o risco de interromper os estudos para trabalhar auxiliando no rendimento da casa.

Os educadores são sempre chamados a participar de reuniões com a orientação e direção dos Núcleos para discussão de problemas e busca de soluções. Mas, alguns educadores não se sentem à vontade para colocar suas opiniões e suas propostas. Algumas decisões ou atitudes, segundo eles, vêm de cima para baixo, sem que haja a participação deles.

Existem problemas relacionados à atuação dos educadores do Projeto Sol. Isto porque, hoje não existe um concurso específico para os educadores que vão trabalhar no Projeto Sol, como era na época em que este estava vinculado à Secretaria da Promoção Social. Acreditamos que, pelo fato dos profissionais não conhecerem a forma de trabalho do Projeto Sol, há uma rotatividade muito grande de educadores, impedindo a formação de uma equipe de trabalho. No entanto, o problema maior é que a formação do profissional de educação em geral é deficiente, e são poucas as instituições que oferecem um conhecimento sobre a educação não formal, além de haver poucas produções acadêmicas sobre o assunto.

O trabalho que é realizado com as famílias no Projeto Sol tem o objetivo de mostrar o que vem a ser a instituição, a forma como trabalham, o que achamos ser uma iniciativa muito importante. Mas não há uma atuação maior, no sentido de conscientização do papel que exercem na sociedade, pois a sociedade capitalista é contraditória, os interesses da minoria impera sobre os da maioria. E esta forma de organização impossibilita a realização e o desenvolvimento pleno do homem. Já no Programa Sol parece haver essa preocupação quando propunha que o programa representasse, para os moradores residentes na periferia da cidade *"sua inserção no processo de participação nos níveis de decisão e execução, favorecendo a consciência crítica tendo em vista a prática transformadora."* (Programa Sol, op. cit., p.3)

Pela estrutura de trabalho que possuem há grandes chances do Projeto Sol ser um centro de participação comunitária, favorecendo a transformação social. Isso dependerá do grau de envolvimento político dos profissionais e da comunidade, pois a transformação das relações de produção só ocorrerá através da vontade coletiva.

Sentimos que nosso trabalho seria mais rico se houvesse tempo hábil para entrevistas e conversas com as famílias envolvidas no Projeto Sol. Desta

forma poderíamos conhecer a visão que tem essa comunidade, no que se refere a atuação do Projeto Sol no bairro. Registramos aqui essa sugestão para trabalhos futuros.

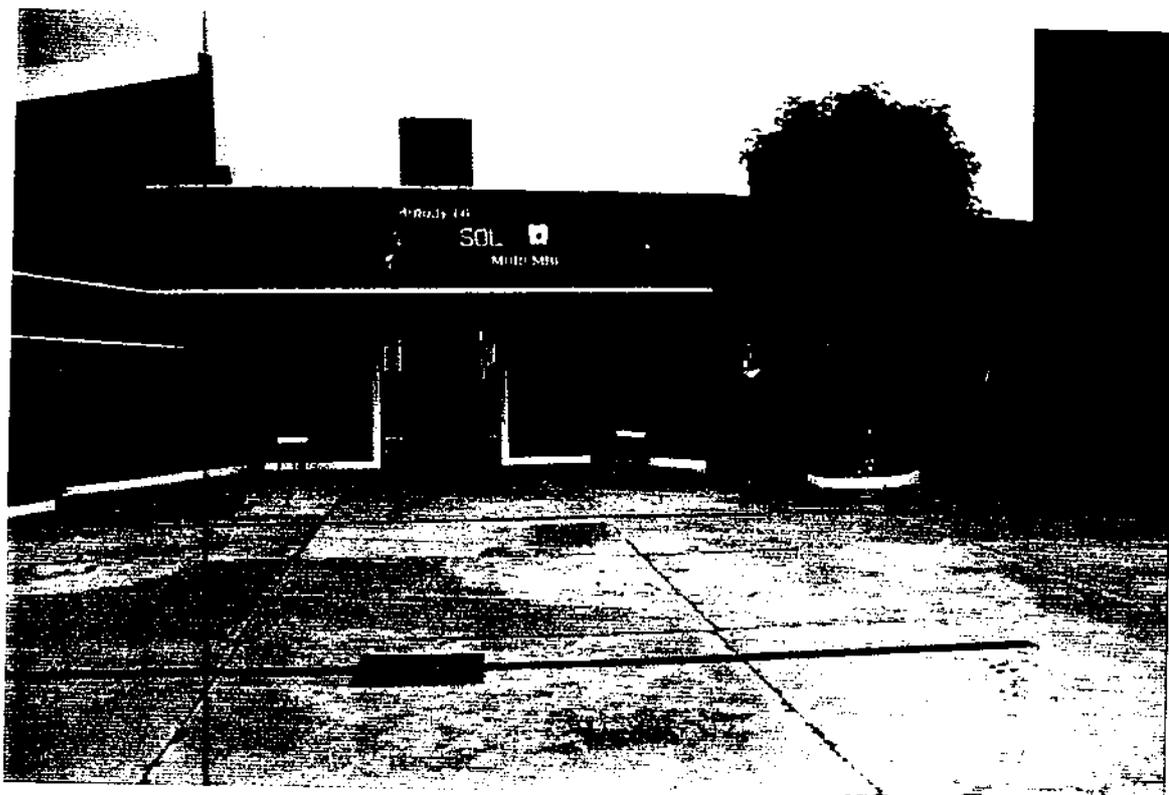
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da Educação não-escolar: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática? In. ESTEVES, Antonio J. C., STOER, Stephen (orgs.) **A sociologia na escola**. Biblioteca Ciências do homem. Ed. Afrontamento, Porto, 1992.
- Apresentação da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança. Internet: (ppbr.com/peac-ipeac/apres.html)
- CAMARGO, Jaqueline de. Crianças na cidade: políticas públicas e universo cultural. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: no. 96, p. 50-57, 1996.
- CARVALHO, Ana Maria A e BERALDO, Katharina E. Arnold. Interação criança-criança: ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: no. 71, p. 55-61, 1989.
- Centros Educacionais. Responsáveis pelo relato: Carmen Maria dos Santos, Maria Claudia Marque, Elaine Paula Motta e Lucimara Rodrigues Prado de Camargo, 1992.
- FALEIROS, Vicente. A fabricação do menor. **Humanidades**. Ed. UNB. n ° 12, p. 5-15, 1987.
- FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti. A pesquisa na universidade e a educação da criança pequena. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: no. 67, p. 59-63, 1988.
- FERREIRA, Rosa Maria Fischer. **Meninos de rua**. Expectativas e valores de menores marginalizados em São Paulo. São Paulo: CEDEC, 1979.
- FREIRE, Paulo. Paulo Freire e os educadores de rua: uma abordagem crítica. **Projeto alternativas de atendimento aos meninos de rua**. 2ª ed., São Paulo, p. 11-23, 1985.
- GARCIA, Regina Leite. Um currículo a favor dos alunos das classes populares. In. **Cadernos Cedes**. Campinas: fev 1995.
- GOUVEA, Maria Cristina Soares. A criança de favela em seu mundo de cultura. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: n ° 86, p. 48-54, 1993.
- GUATTARI, Felix. As creches e a iniciação. In. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 50-55.
- LEITE, Lígia C. Referências culturais e a construção da escola. In **Cadernos Cedes**. Campinas: n°13, p. 75-86, 1993.

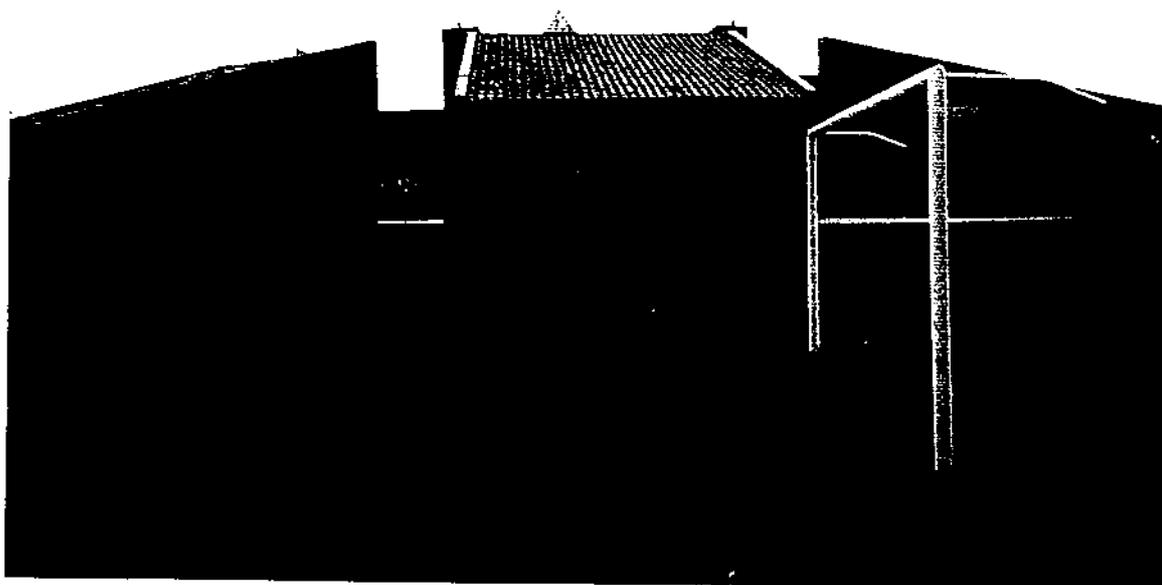
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. O lazer e o uso do tempo na infância. **Comunicarte**. Campinas: IAC, ano 4, no. 7, p. 89-98, 1986.
- MARTINS, José de S. (coord.). **Massacre dos Inocentes**. São Paulo: Ed. Hicitec, 1991.
- NOSELLA, Paolo, BUFFA, Ester, ARROYO, Miguel. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez, 1987.
- Prefeitura Municipal de Paulínia. Secretaria Municipal de Paulínia. **Projeto de Lei nº 50**, de 17 de abril de 1997.
- Prefeitura Municipal de Paulínia. Secretaria de Turismo. **Histórico de Paulínia**, 1997.
- Programa Sol**, elaborado por Ana Maria C. Magri (Psicóloga– DISMA), Maria Luiza R. Vasconcelos Côrtes (Pedagogia – DECLA), Dr. Benedito Dias de Carvalho (Prefeito Municipal de Paulínia de 1985 a 1989).
- Projeto da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança. Internet: (ppbr.com/peac-ipecc/apres.html)
- Projeto de Pesquisa enviado ao Programa Especial FAPESP – Ensino Público, sob o título: **Projeto Sol Paulínia – SP: Análise e Construção de Propostas de Educação Alternativa com ‘escolares em situação de risco’(1987-1995)**, elaborado pela equipe: Olga R. M. von Simson (professora responsável), Cristiane Machado (coordenação), Pesquisadores – UNICAMP e Pesquisadores – Projeto Sol, além do apoio da Secretaria de Educação de Paulínia.
- RAMOS, Lilian Maria P. de Carvalho. **Educador de rua: quem é este profissional?** Memorial de qualificação para tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Educação para quem? **Ciência e Cultura**. São Paulo: nº 28, ° 1466-1471, 1976.
- SHULLER, E. Estudante em situação de risco. In. **Musical educators journal: special focus music and at risk students**, vol. 78, nº 3, nov. 1991.
- SILVA, Petronilha B. G. Diversidade étnico-cultural e currículos escolares. Dilemas e possibilidades. In. **Cadernos Cedes**. Campinas: no. 33, p. 25-34, 1993.
- VON SIMSON, Olga R. de Moraes. **Menor e a educação não-escolar e Cultura popular: experiências recentes no Estado de São Paulo**, texto elaborado para aula do Concurso de Efetivação na UNICAMP

10. ANEXOS

Anexo 1 – Fotografias



PROJETO SOL MORUMBI – ENTRADA



PROJETO SOL MORUMBI – FUNDOS



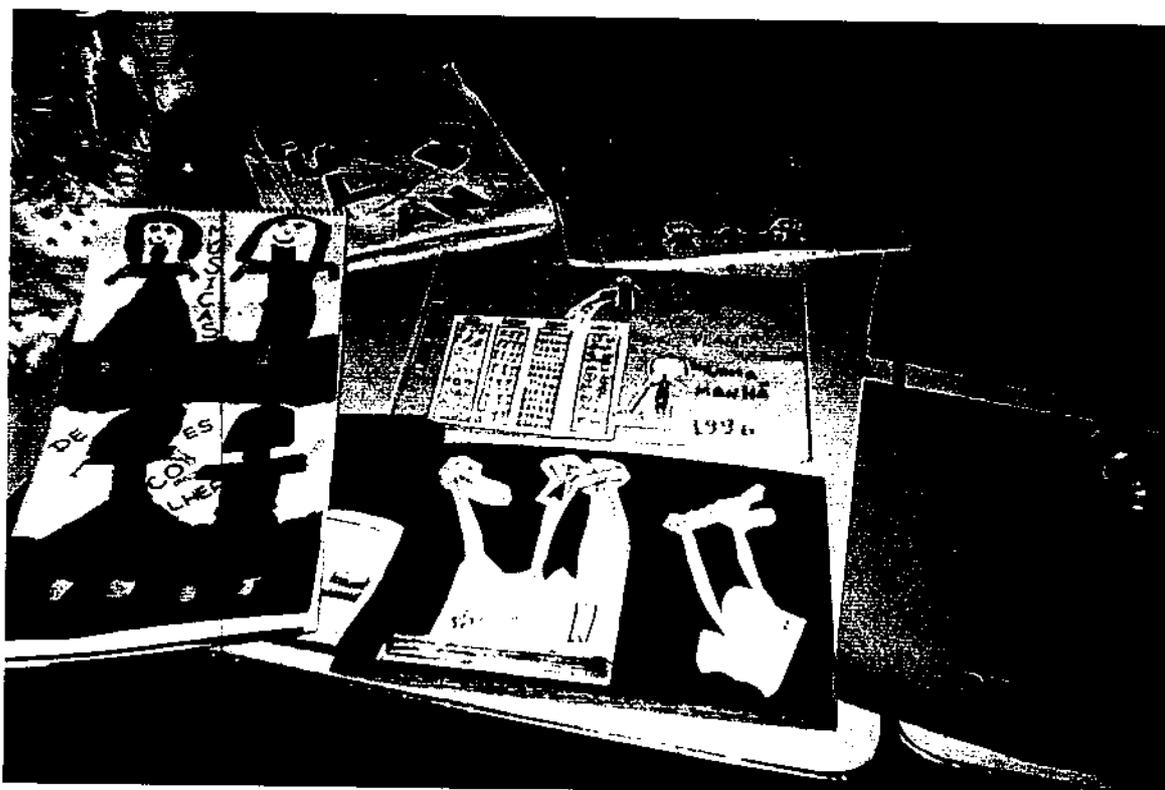
COZINHA



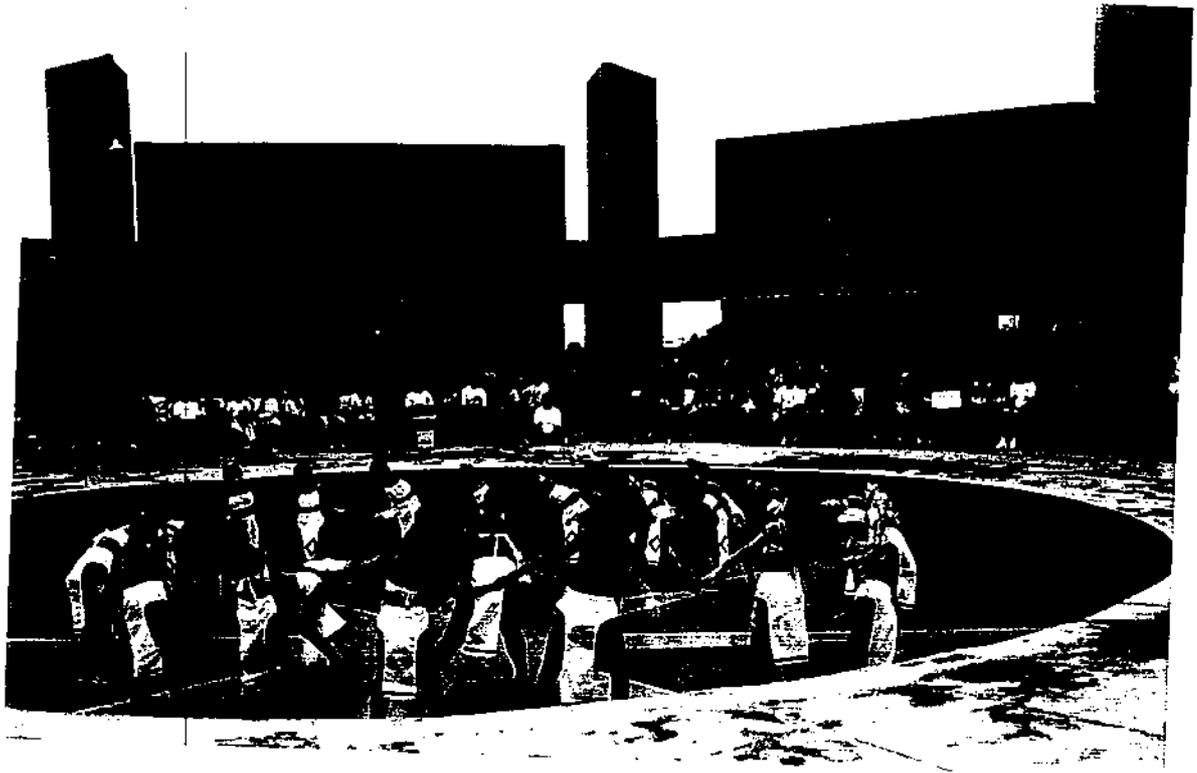
REFEITÓRIO E ENTRADA AO FUNDO



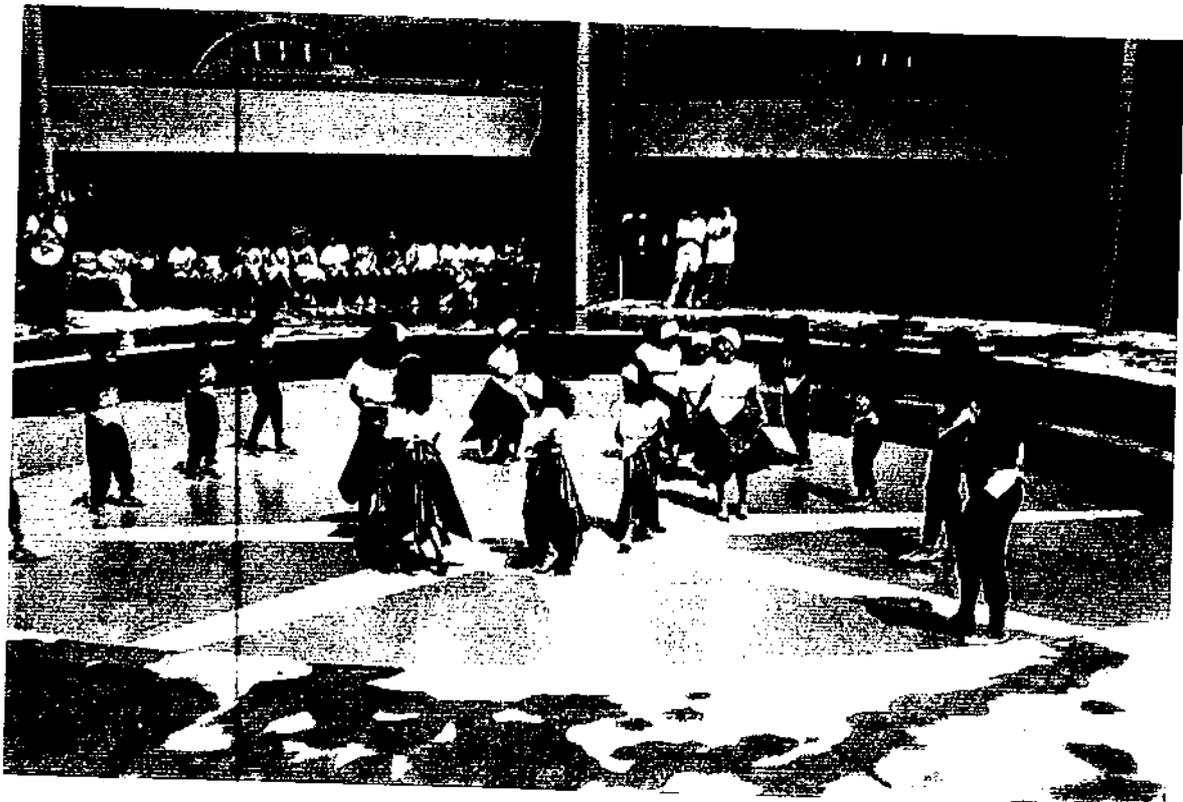
EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS NO INTERNÚCLEOS



EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS NO INTERNÚCLEOS

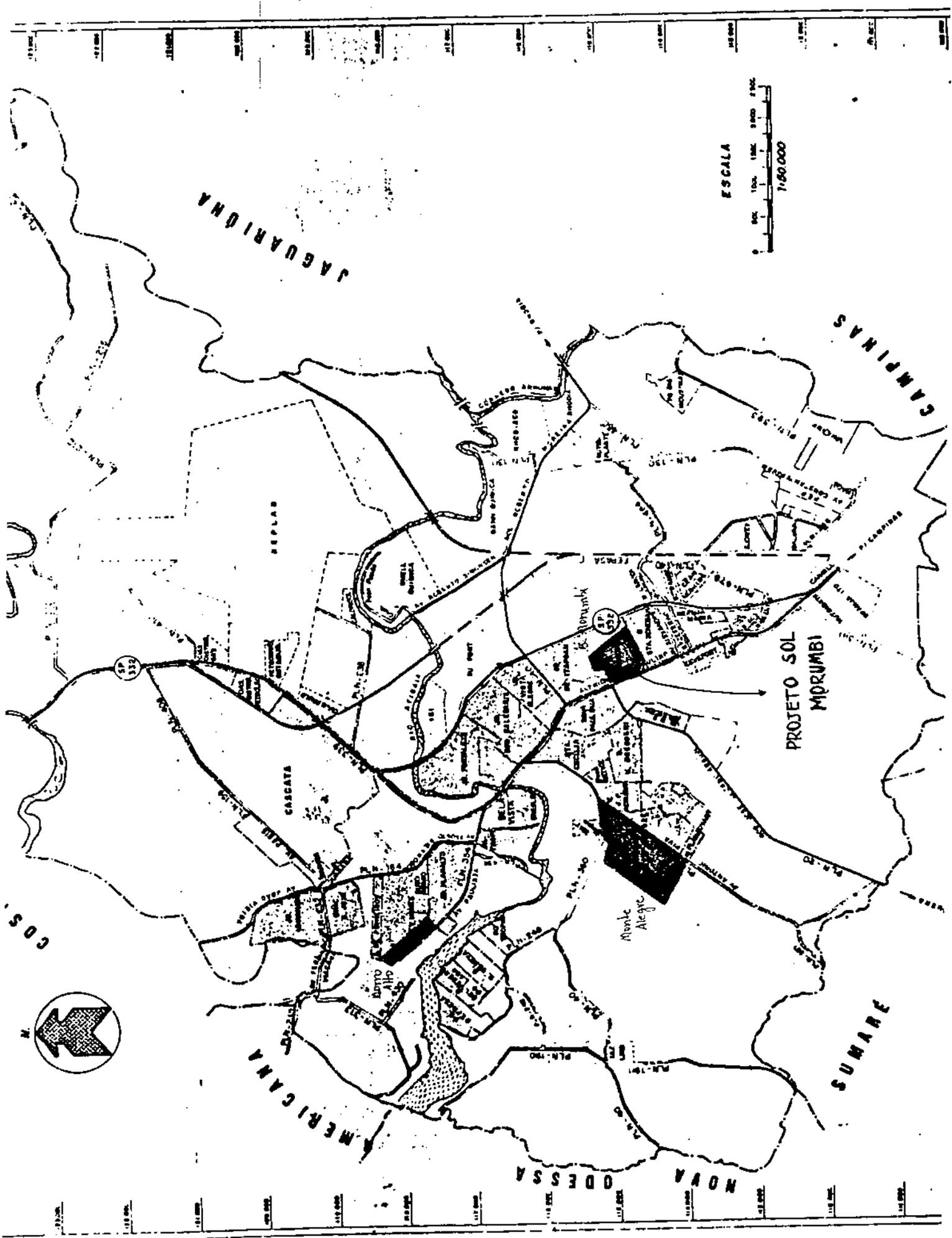


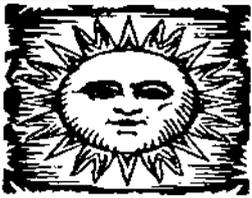
APRESENTAÇÃO - INTERNÚCLEOS



APRESENTAÇÃO - INTERNÚCLEOS

Anexo 2 – Mapa de Paulínia e a localização do Projeto Sol Morumbi





Jornal do Sol

Projeto Sol Morumbi

Volume 10

Paulínia, outubro / novembro / dezembro de 1996

EDITORIAL

COM VISITAS, PASSEIOS, DANÇAS, INTERNÚCLEOS, APRESENTAÇÕES E FESTA DE NATAL, QUE ENCERRAMOS MAIS UM ANO DE ATIVIDADES AQUI NO PROJETO SOL.

É HORA DE PENSARMOS NAQUILO QUE FIZEMOS E QUE DEIXAMOS DE FAZER, O QUE FOI BOM, O QUE NÃO FOI TÃO BOM ASSIM.

TRISTEZAS E ALEGRIAS FAZEM PARTE DA VIDA, TODOS EXPERIMENTAM.

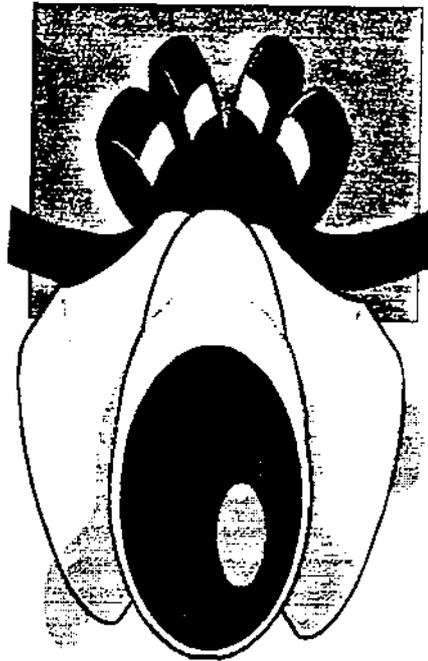
O QUE NÃO PODEMOS DEIXAR É DE ACREDITAR QUE AINDA TEMOS MUITO POR FAZER E CADA VEZ MELHOR, PARA ISSO BASTA QUERER E IR À LUTA.

COM RESPEITO E DIGNIDADE CHEGAREMOS LÁ !!

FELIZ NATAL, ABRAÇOS E ATÉ 1997 !

Veja nesta Edição...

ACONTECENDO I	2
ACONTECENDO II	3
OS NOVOS COLEGAS	4
O GRUPO CARAMUJO	4
TENHO MEDO DE ...	4
ANIVERSARIANTES	5
HISTÓRIA	5



CHEGAMOS AO FIM DE MAIS UM ANO. PARA ALGUNS, ESTÁ COMEÇANDO UMA NOVA ETAPA DA VIDA, PARA ONDE LEVARÃO BOAS LEMBRANÇAS E CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS AQUI NO PROJETO SOL.

FAÇAM DE SUAS VIDAS, A CADA RALAR DO SOL, UM DESPONTAR DE NOVAS ESPERANÇAS E NOVAS FORÇAS, PARA LUTAR E VENCER. ESPERO QUE AS EMOÇÕES DESPERTADAS PELO ESPÍRITO NATALINO, NOS CONTAGIE E FAÇA PARTE DE NOS EM CADA NOVO DIA. QUE DEUS ABENÇÔE A TODOS.

FELIZ NATAL e PRÓSPERO ANO NOVO !

(Sônia)

QUE O ESPÍRITO DO NATAL ESTEJA PRESENTE EM NOSSOS CORAÇÕES SEMPRE, NÃO APENAS NO DIA. FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO. (Mara)

À TODOS UM FELIZ NATAL E QUE ESTA FELICIDADE PERDURE POR TODO ANO DE 1997.

BELJO A TODOS !

O NATAL ESTÁ CHEGANDO!

"Paulinho falou para Juliana, que no Natal ia ganhar uma bicicleta.

Juliana falou que ia ganhar uma barbie da sua mãe e uma bicicleta de 18 marchas do seu pai. Paulinho disse que a dele seria de 7 marchas.

De repente Paulinho perguntou :
- Por que comemoramos o Natal ?

E Juliana respondeu :
- Comemoramos o nascimento do Menino Jesus".

autora - SANDRA AP. SILVA

FELIZ NATAL e FELIZ ANO NOVO PARA TODOS (Sandra)

FELIZ NATAL E PRÓSPERO 1997 (Francisco)

MUITAS FELICIDADES PARA TODOS! (Janderson)

QUE O ANO NOVO SEJA DE MUITAS FELICIDADES PARA TODOS. FELIZ NATAL! (Vanessa B.)

FELIZ NATAL E UM ANO NOVO COM MUITA PAZ E FELICIDADES ! (Fabiana)

QUE DEUS ILUMINE A TODOS. FELIZ NATAL ! (Uiles Calisto)

FELIZ NATAL E UM ANO NOVO COM MUITA PAZ E AMOR. (d. Iolanda Joaquim)

UM FELIZ NATAL E UM ANO NOVO CHEIO DE SAÚDE E ALEGRIA. (Maria Helena)

QUE O DIA DE NATAL SEJA REPLETO DE PAZ E FELICIDADE E QUE O ANO NOVO SEJA CHEIO DE ESPERANÇA E AMOR. (Ana)

A C O N T E C E N D O - I

SEMANA da CRIANÇA

Na Semana da Criança, fomos para a piscina, ganhamos doces, danone, pipoca e muitas coisas gostosas, além dos passeios.

Todos nós sabemos que no dia 12 de outubro é comemorado o dia da criança, mas neste dia nem todas as crianças estão felizes, algumas porque não ganham presentes, outras porque não têm família, nem casa para morar.

Essa é a realidade de nosso país, crianças passando fome, sendo espancadas, se envolvendo no mundo das drogas e do crime.

Vocês sabem qual é o maior sonho dessas crianças?

Ter uma casa para morar, o carinho do pai e da mãe, ir para a escola que é um direito de todas mas muitas não vão porque precisam trabalhar.

Você que tem seus pais não os desobedeçam, façam de tudo para agradá-los, eles são muito importantes para nós.

Reportagem : *TALITA*

TAÇA ZENECA DE VOLEI

Em outubro aconteceu a V Taça Zeneca de Volei, patrocinada pela Zeneca Agrícola.

Todas as escolas participaram nas três categorias: pré-mirim (10 a 12 anos); mirim (13 a 14 anos) e infantil (15 anos). O nosso bairro foi representado pela escola Oadil Pietrobon, sendo que três são do PROJETO SOL, são elas SANDRA, KARINA e ANDRESSA e eu, VALMIRA pela escola Porfhyrio.

Ganhamos algumas partidas e perdemos outras, apesar do nervosismo, a experiência foi muito boa.

*VALMIRA e
KARINA*



OS PASSEIOS

Em outubro, para comemorar a semana da Criança, nós fizemos vários passeios, fomos para a piscina na Poliesportiva do Monte Alegre, aos parque Itapoan e Zeca malavazzi e na Poliesportiva aqui do nosso bairro, fizemos piquenique, brincamos, jogamos e nadamos, foi muito legal. (*JÉSSYKA*)

A PISCINA

A piscina é um lugar muito gostoso de ficar, porque você relaxa, faz muitas brincadeiras com os amigos. É o lugar que mais gosto de ir, até entrei na natação, é muito bom aprender a nadar.

Quando fomos para a piscina com o Projeto Sol, brincamos, nadamos e mergulhamos muito. Estava um pouco frio, mas curtimos muito. (*DENIS*)

O PIQUENIQUE

Fomos ao Parque Zeca Malavazzi e lá fizemos um piquenique. Comemos um gostoso bolo de chocolate, feito pelo grupo da culinária, cachorro quente e coca-cola. Brincamos de "lézinho" (brincadeira de futebol), de esconde-esconde e nos brincamos. Como nós fomos a pé, conversamos bastante, foi muito legal. (*DENIS e ÉRITON*)

A C O N T E C E N D O - II

OFICINA DE DESENHO

- Nós achamos legal, fizemos muitos desenhos, como vasos, frutas, partes do corpo humano, etc. Foi muito interessante.

Essa oficina foi com o professor João, que disse ter gostado muito da nossa participação.

Pretendemos continuar com a oficina no ano que vem.

FABIANA

DIEGO

DANIELLE

DANIELA

FUTEBOL DE SALÃO

No mês de outubro tivemos oficina de futebol de salão com a Sônia.

Eu achei muito legal, aprendi que não podemos jogar sozinhos, precisamos ter parceiros. Mas nem todos sabiam disso e saiam jogando sozinhos, perdiam a bola e o outro time fazia gol. Mas eu ia atrás do prejuízo e fazia gol. Teve um dia que fiquei dois minutos fora, porque falei palavrão de tão nervoso.

CLEBER

ANIVERSÁRIO DO JORNAL



O Jornal do Sol, fez em setembro 1 ano, e eu estou muito contente por ter participado de várias edições.

- Vocês sabem como surgiu o Jornal do Sol ?

Foi quando um grupo que estava trabalhando com lendas, manifestou interesse em divulgar o trabalho através da publicação. Então a professora Neide, gostou da idéia e assim começamos a trabalhar em cima dos acontecimentos na cidade, no Projeto, adivinhações, histórias, saúde, esporte, etc. Foi assim que surgiu o nosso jornal, com a publicação da Lenda da Mulher de autoria de Talita, Iêda, Brunella e Vanuza.

Hoje aqui estamos comemorando 1 ano. Agradecemos a professora Neide, que também se esforçou muito.

POR QUE O JORNAL É IMPORTANTE ?

O jornal é importante, porque é um meio de comunicação que nos traz informações dos acontecimentos através da notícia.

- Vocês podem imaginar como seria uma cidade sem jornal ?

Deve ser horrível, pois o jornal é um tipo de comunicação, que faz com que o leitor fique por dentro de tudo o que está acontecendo em sua cidade, estado, país e até pelo mundo.

TALITA

VOCÊ SABIA...

OS NOVOS COLEGAS



No final de outubro recebemos novos colegas aqui no Projeto Sol, são eles: a Jaqueline, o Douglas Ribeiro, o Diego Henrique.

O Douglas R. tem 12 anos mora no bairro, está na 5a. série e diz que está gostando muito do Projeto Sol, que os colegas são legais, que os professores tratam ele muito bem e que espera

aprender coisas boas aqui.

A Jaqueline tem 7 anos, mora na rua Antonio Ferro, está na 1a. série e diz que está gostando muito, principalmente da culinária e dos desenhos.

Em novembro recebemos mais dois colegas, a Flávia e o Marlon. A Flávia diz que apesar de pouco tempo está gostando muito, que os professores, Neide, Sônia e João são muito legais e que está sendo muito bom participar da preparação para o internúcleos fazendo cataventos e ensaiando as danças.

Reportagem : *EBERSON*

Grupo Caramujo

O Grupo Caramujo é formado pelas crianças que participam das Danças Populares. este ano trabalhamos com o Cacuriá, a Roda de Samba com Umbigada e a Ciranda, danças nordestinas, do estado do Maranhão, sendo que a última típica das cidades praianas e simboliza a união.

Dia 29 de novembro o grupo apresentou-se para os pais. Emoção, Prazer, Alegria, Felicidade, sentimentos que tomaram conta das pessoas.

"Minha mãe disse que eu estava lindo" (Janderson)

"Meu pai gostou muito de me ver dançar" (Francisco)

"Minha mãe disse que eu estava uma graça, gostou muito" (Érika).

O grupo é formado por: Karina, Francisco, Michele, Adriano, Brunella, Talita, Diego R., Flaviane, Erika, Valmira Roberta, Janderson, Sandra, Ariadine, Flávia, Andressa.

TENHO MEDO DE...

- ... MORTE
- ... VIOLÊNCIA
- ... ASSALTO
- ... LOBISOMEM
- ... VAMPIRO
- ... FANTASMA
- ... SACI
- ... RELÂMPAGO
- ... SEQUESTRO
- ... LEÃO
- ... MÚMIA
- ... COBRA
- ... TEMPORAL
- ... FICAR SOZINHA
- ... ARANHA
- ... ESCURO
- ... DIABO
- ... NADA

Pesquisa realizada em outubro por Douglas R. / Eberson / Patrícia.

ANIVERSARIANTES



OUTUBRO

Dia 02 - JEFERSON LUCAS
 Dia 03 - MICHELE ROBERTA
 Dia 13 - VALMIRA JULIANA
 Dia 23 - TALITA FONSECA
 Dia 27 - CLEBER
 Dia 29 - JÉSSYKA PADOVANI

NOVEMBRO

Dia 07 - PAULO FERREIRA
 Dia 08 - RENATA ALBERTÃO
 Dia 09 - ANDRESSA SILVEIRA
 Dia 12 - SÔNIA GRASSI
 Dia 15 - EBERSON ARRUDA
 Dia 16 - ADRIANO PROFIRO
 Dia 18 - HELTON BORGES
 Dia 22 - NEIDE MATTOS
 Dia 26 - DENIS RIBEIRO
 Dia 29 - VANESSA BOCHE

DEZEMBRO

Dia 10 - FÁBIO H. GALVÃO
 Dia 14 - ÉRIKA FARIANO
 Dia 16 - WELLINGTON B.
 Dia 18 - DOUGLAS RIBEIRO
 Dia 19 - PAULO DUARTE
 Dia 24 - VALMIR ALISSON
 Dia 26 - FÁBIO PEREIRA
 Dia 27 - MÁRCIO
 "COSTELA"

História do Mês

A BRUXA MORGANA

FÁBIO JÚNIOR XAVIER CAMARGO

Numa noite de lua cheia a bruxa Morgana começou a fazer um feitiço para atrapalhar as histórias lendárias.

Começou dizendo: - Asas de morcego, pé de jacaré, faça todas as lendas ir pro cafundé !

Rapidamente todos os livros de contos e lendas abriram-se e os personagens principais foram saindo.

E foi numa floresta encantada onde morava um príncipe que gostava muito de ler livros de lendas, que apareceram os tais personagens.

Um certo dia o príncipe estava regando o jardim de seu castelo, eis que de repente aparece o Saci pedindo fogo. O príncipe ficou muito assustado, nunca tinha visto um Saci.

Tremendo de medo disse : - Mas ... eu não fumo !

O Saci estava furioso, porque a bruxa Morgana tinha transformado todo seu fumo em capim.

No mesmo instante chega o Lobisomem, aflito, procurando a bruxa para descontar o mal que ela fez a ele.

- O que ela fez para você ? Perguntou o Saci.

- Ela arrancou o meu rabo ! Exclamou o Lobisomem.

- Ela também transformou o meu fumo em capim. disse o Saci inconformado.

O Caipora ficou sabendo do fato e ficou furioso, pois o Saci e o Lobisomem eram seus amigos. Foi então que ele resolveu armar uma para a bruxa Morgana.

Jogou querosene no seu castelo e colocou fogo. Queimou tudo; livros de magia, receitas de feitiços, vassouras, tudo ! Não sobrou nadinha...

A bruxa ficou sem castelo e sem poderes e teve que procurar uma ponte para morar em baixo dela.

Com a destruição do castelo, tudo voltou ao normal. O rabo do Lobisomem cresceu, o fumo do saci voltou e todos voltaram para suas histórias.

JORNAL DO SOL

COLABORADORES : TALITA, SANDRA, KARIINA, VALMIRA, DENIS, JÉSSYKA, FÁBIO JR., EBERSON, ÉRITON, CLEBER, DOUGLAS R., DIEGO, FABIANA, PÁRJCIA, DANIELLE, DANIELA, VANESSA B.

COLABORADORA RESPONSÁVEL : NEIDE MATTOS

1

2

3

4